



UNILASALLE



CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

ELIANA VAZ HUBER

ARTE, TEMPO E MEMÓRIA – Noventa Anos do Instituto Municipal de Belas Artes (IMBA) em Bagé e a cultura dos grupos artísticos

CANOAS, 2013

ELIANA VAZ HUBER

ARTE, TEMPO E MEMÓRIA – Noventa anos do Instituto Municipal de Belas Artes (IMBA) em Bagé e a cultura dos grupos artísticos

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, como exigência para a obtenção do título de Mestra em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Nadia Maria Weber Santos
Co-orientação: Prof^a. Dr^a. Cleusa Maria Gomes Graebin

CANOAS, 2013



UNILASALLE

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais



BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lucas Graeff
UNILASALLE

Prof^a. Dr^a. Cleusa Maria Gomes Graebin
UNILASALLE

Prof. Dr. Ricardo Athaide Mitidieri
IFRS

Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Junior
UFPR

Prof^a. Dr^a. Nádia Maria Weber Santos
UNILASALLE, Orientadora e Presidenta da
Banca

Área de Concentração: Estudos em Memória Social

Curso: Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 27 de março de 2013.

*Aos meus pais,
Neiva e Augusto, que
sempre incentivaram
o conhecimento.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, pais, irmãs e sobrinhos, sempre presentes em minha vida, em especial minha irmã Adriane e minha sobrinha Alice por toda dedicação, incentivo e participação neste meu trabalho.

Agradeço ao IMBA pela sua direção sensível, representada por Leila Cabeda, e pela alegria e persistência dos professores.

Agradeço a todos os entrevistados por sua disponibilidade, afeto, sinceridade e emoção ao partilharem comigo um pouco de suas vidas.

Agradeço aos meus amigos que sempre acreditaram e me motivaram para a realização dos meus sonhos, especialmente, Marília Stein, Lucia Carpena, Ricardo Mitidieri, Mara Martini e Maria Luisa Avello.

Agradeço aos meus colegas de mestrado por sua convivência maravilhosa nesses dois anos, em especial Ana Ramires, Marta Gonçalves e Maristela Tomasini.

Agradeço aos professores do Mestrado por sua disponibilidade e em especial a minha orientadora Nádia pela sua sensibilidade e afeto.

Agradeço a Celso por sua presença, pelo seu incentivo e seu amor.

Agradeço a todos que de alguma forma me presentearam na vida com a amizade.

*As artes são o mais seguro
meio de se esconder do mundo e
são também o meio mais seguro
de se unir a ele.*

(FRANZ LISZT)

RESUMO

O presente trabalho destina-se a pesquisar a memória social do Instituto Municipal de Belas Artes professora Rita Jobim Vasconcellos (IMBA), Bagé, num período de noventa anos (1921-2011), objetivando mostrar a relevância dessa instituição na sociedade bajeense. A investigação contou com entrevistas, fotografias e pesquisas em documentos. A presença constante de diversas formações artísticas voltadas para a comunidade fortalece o elo cultural com a cidade e explica a sua perenidade. O IMBA exerceu e exerce uma forte influência na cultura da região de Bagé, dando origem e estímulo a vários eventos culturais na cidade e em seu entorno.

Palavras-chave: IMBA, memória social, conservatório, música, dança, arte.

ABSTRACT

The present study aims to investigate the social memory of the Instituto Municipal de Belas Artes teacher Rita Jobim Vasconcellos (IMBA), Bagé, a period of ninety years (1921-2011), aiming to show the relevance of this institution in society bajeense. The investigation included interviews, photographs and research documents. The constant presence of diverse artistic backgrounds facing the community strengthens the cultural link with the city and explains its durability. The IMBA and exerted a strong influence on the culture of the region of Bagé, leading and encouraging various cultural events in the city and its surroundings.

Keywords: IMBA, social memory, conservatory, music, dance, art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – IMBA – Bagé.....	18
Figura 02 – Alunos do IMBA.....	40
Figura 03 – Alunas com Bidu Sayão – década de 1940.....	42
Figura 04 – Formatura - década de 1950.....	43
Figura 05 – Conjunto de pianos – década de 1960.....	44
Figura 06 – Alunas de flauta doce – década de 1970.....	45
Figura 07 – Década de 1990 - alunos cacterizados para música renascentista	46
Figura 08 – Alunas de piano em 2012	47
Figura 09 – Banda Marcial do IMBA – Jornal o Globo, Rio de Janeiro em 1969.....	47
Figura 10 e 11 – Banda musical em desfiles – Bagé, 2012.....	83
Figura 12 e 13 – Apresentações de 2011 da Big band.....	83
Figura 14 – Camerata de flautas doce, 2010.....	84
Figura 15 e 16 – Camerata de violões, 2011.....	84
Figura 17 e 18 – Conjunto de acordeons, da década de 1960.....	85
Figura 19 e 20 – Conjunto de acordeons, da década de 1960.....	85
Figura 21 e 22 – Conjunto de flautas doces, da década de 1980.....	85
Figura 23 e 24 – Conjunto de pianos, apresentação 2011.....	86
Figura 25 – Conjunto de pianos, apreentação 2012.....	86
Figura 26 e 27 – Apresentações do coral nos últimos dez anos em eventos ao ar livre, teatro e no IMBA.....	86
Figura 28 – Desfile década de 1920.....	87
Figura 29 – Desfile década de 1970.....	87
Figura 30 – Desfile década de 1980.....	87
Figura 31 e 32 – Apresentação do grupo de dança, da década de 1960.....	87
Figura 33 e 34 – Apresentação do grupo de dança, da década de 1970.....	88
Figura 35 e 36 – Apresentação do grupo de dança, da década de 1980.....	88
Figura 37 – Apresentação do grupo de dança, da década de 1990.....	88
Figura 38 – Orquestra para acompanhar o balé – década de 1980.....	89
Figura 39 – Orquestra infanto-juvenil – década de 1970.....	89
Figura 40 e 41 – Orquestra anos 2000.....	89
Figura 42 – Orquestra e coral 2012.....	90

Figura 43 – Formações musicais.....	90
Figura 44 – Conjunto melódico mirim, 1962.....	91
Figura 45– Conjunto com violinos e piano – década de 1980.....	91
Figura 46 – Música de câmara com violinos e órgão – década de 1980.....	91
Figura 47 – Certificados de Vanda Urdaniz Deiro.....	92
Figura 48 – Diploma em teoria e solfejo.....	92
Figura 49 – Concurso trouxe concorrentes de fora da cidade.....	92
Figura 50 – Diploma de declamação.....	93
Figura 51 – Programa de audição com balé e teatro (com alunos do curso de declamação.....	93
Figura 52 – Aula de artes plásticas.....	94
Figura 53 – Produção artes plásticas.....	94
Figura 54 – Hino à Banda do IMBA.....	94
Figura 55 – Flâmula da banda.....	95
Figura 56 – IMBA 2012.....	95

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Idade dos entrevistados.....	70
Gráfico 02 – Atividades artísticas.....	71
Gráfico 03 – Motivação para estudar no IMBA.....	71
Gráfico 04 – Grupos citados.....	72
Gráfico 05 – Vínculos com o IMBA.....	73
Gráfico 06 – Profissão.....	73

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	ATIVIDADES ARTÍSTICAS EM BAGÉ.....	19
2.1	Primórdios.....	19
2.2	O Conservatório.....	20
3	A CULTURA DOS GRUPOS ARTÍSTICOS COMO MEMÓRIA SOCIAL DO IMBA.....	27
4	OS GRUPOS ARTÍSTICOS NA ATUALIDADE.....	50
4.1	A Big Band.....	51
4.2	A Banda Musical.....	52
4.3	O IMBA Grupo de Danças.....	53
4.5	O Conjunto de Pianos.....	54
4.6	A Orquestra.....	54
4.7	Coral do IMBA.....	55
4.8	Camerata de Violões.....	56
4.9	Camerata de Flautas Doces.....	56
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
	REFERÊNCIAS.....	66
	APÊNDICE A - Gráficos com dados das entrevistas.....	70
	APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semi-estruturada.....	74
	APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	75
	APÊNDICE D - Projeto Apresentações Artísticas no IMBA – Produto final.....	76
	ANEXO A - Documentos Oficiais.....	97
	ANEXO B - Texto de Mário Lopes feito a meu pedido.....	105
	APÊNDICE E – DVD.....	106

1 INTRODUÇÃO

As manifestações artísticas estão presentes desde a pré-história. De alguma maneira nos manifestamos e temos convívio com a arte ao longo da vida e, segundo Fischer (1987, p. 20): “A arte é quase tão antiga quanto o homem”.

Onde o ser humano se faz presente, existe sempre uma manifestação de alguma forma de arte. Não foi diferente em Bagé, cidade na qual o Instituto Municipal de Belas Artes (IMBA) nasceu. Esse município fica na fronteira do Rio Grande do Sul, a 60 quilômetros do Uruguai. Foi fundado em 1811 por Dom Diogo de Souza e a origem de seu nome pode ser do cacique minuano Iabajé, ou da palavra indígena *mbay* que significa cerro (mbaiê – cerros¹).

O atual município de Bajé (sic) teve seu primeiro contato com o homem europeu pelos fins do século XVII – a data é incerta, oscilando de 1683 a 1690; o fato é que, após a fundação de São Miguel, um dos Sete povos das Missões, os padres jesuítas avançaram até a região que hoje serve de divisa a Bagé (sic) a D. Pedrito, estabelecendo uma redução que chamaram de “Santo André dos Guenoas”. (verbete “Bajé”, 1959, p. 47).

Desde 10 de abril de 1921 – data de fundação do IMBA –, este espaço esteve presente na vida cultural de Bagé. Segundo os arquivos existentes no Conservatório², as audições começaram em dezembro do mesmo ano e, desde então, se sucederam inúmeras apresentações de vários tipos e combinações artísticas. Com base na constatação de 90 anos de atividades ininterruptos do Conservatório busca-se entender neste trabalho:

- Como se deu o desenvolvimento do IMBA na cidade de Bagé?
- Quais eram e quais são as características do IMBA que fizeram com que se mantivesse até os dias de hoje?
- Que personagens marcantes passaram por ele e ajudaram na sua manutenção?
- O que levou e o que leva as pessoas da cidade a estudar no Conservatório?
- Que elo faz com que a comunidade mantenha os espetáculos sempre lotados?
- Quais grupos existiram e quais existem hoje?

¹Tratado de Madrid 1750, Diário resumido e histórico da demarcação, 1787, do geógrafo José Saldanha e do historiador Tarcísio Tabora apud Fagundes, Elizabeth Macedo. Inventário cultural de Bagé.

²Arquivos de relatórios e programas de audições do IMBA.

- O que leva as pessoas que passaram pelo IMBA manter a referência e retornarem?

Essas questões que nortearam a pesquisa foram sendo respondidas ao longo das entrevistas, e de maneira sutil e peremptória os fatos foram tomando forma e passaram a ser observados sob outro olhar: à referência dos entrevistados a sua participação em grupos. A arte tem um papel fundamental na formação do ser humano expressando aquilo que nos torna diferentes e únicos, tanto individuais como coletivamente. Trabalhando com sensibilidades, autoestima e sociabilização, as escolas de música ocupam um espaço dentro da cultura das comunidades e a sua existência, duradoura ou não, fica registrada na memória e nos fatos que a envolveram.

O IMBA completou 90 anos em 2011, fazendo parte do patrimônio cultural de Bagé e da memória social da população, e, no entanto, não tem registro substancial e analítico de seu percurso. É nesse sentido que este trabalho torna-se relevante ao pretender mapear, registrar e analisar dados referentes à memória, trajetória e identidade dessa escola. Além disso, o IMBA é uma escola que permanece nos eventos históricos e culturais de Bagé, sendo uma das primeiras do Estado do Rio Grande do Sul a possuir curso superior em música (Porto Alegre em 1908, Pelotas em 1961, Santa Maria em 1963 e Bagé em 1964).

Na visão de Fischer (1987, p. 20), “A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente”. É através dessa arte e suas diversas manifestações que o IMBA tem se mantido presente em Bagé nos últimos 90 anos, fornecendo subsídios para a educação, a cultura, o lazer e o convívio social. Esses conhecimentos são mesclados com o lúdico, o desempenho, a sensibilidade e com aquilo que nos diferencia: nossa interpretação e criação. Mas para que isso se mantenha, a comunidade tem que achar importante o fato do IMBA existir e proporcionar esta vivência, e isso acontece através das lembranças/memória que seus habitantes/público têm.

Para Maurice Halbwachs (1990), a memória é acima de tudo uma construção social e um fenômeno coletivo, não ficando somente na dimensão individual. Portanto, ela é construída pelas relações sociais que se dão com a família, com o trabalho, com o lazer e outros grupos de convivência. A memória individual se adapta e/ou se insere na memória coletiva. Nessas múltiplas relações sociais, o

indivíduo vai expressar sua memória dos fatos como a soma de suas diferenças pessoais e influências recebidas. Isso se apresenta forte dentro de uma escola de música porque a relação entre professor de música e alunos é muito próxima e o elo criado com colegas também, já que ao expressar-se de alguma forma musical o ser humano fica exposto não só à emoção como ao julgamento de seus pares. Envolvendo o afeto criado pela convivência próxima dos grupos, a memória fixa-se e retorna muitas vezes pelo estímulo musical e a lembrança do grupo (memória coletiva).

Neste trabalho, apresentamos o Instituto Municipal de Belas Artes professora Rita Jobim Vasconcellos (IMBA), Bagé, de 1921 até 2011, procurando caracterizar os 90 anos de sua existência. O resgate dessa memória é feito através de imagens fotográficas, jornais, documentação e entrevistas (com alunos, ex-alunos, professores e ex-professores).

Os fatores determinantes na escolha desse tema foram: a ligação que a pesquisadora teve com o IMBA como aluna e professora, sua posterior formação musical e profissional decorrentes e os contatos atuais mantidos como musicista e professora. Justifica-se também seu interesse em registrar o IMBA dentro do contexto sociocultural de Bagé, pois o mesmo faz parte da memória de várias gerações de músicos que vivem ou viveram nela. Assim, esse registro, utilizando as lembranças através de entrevistas, pretendeu resgatar memórias das realidades vivenciadas, almejando a fixação das mesmas para gerações vindouras, bem como as influências/consequências e transformações que o aprendizado da arte trouxe para a vida dos indivíduos, visando comprovar a importância fundamental desta instituição.

Muitos pensadores colocaram suas proposições ao longo do tempo sobre a memória, mas sempre as ideias de eternidade e fixação no tempo estavam atreladas. Somente com o surgimento do sujeito, na modernidade, isto mudaria, pois este:

Tem uma dimensão finita: ele passa e se transforma com o tempo. Assim, foi preciso que a infinitude perdesse sua sustentação filosófica [...] passando a ter por referência não mais a eternidade divina e sim o sujeito finito. O homem, com seus limites, sua história, seus valores sociais, pôde se tornar objeto de investigação (DODEBEI, 2005, p. 19).

É através desse “homem no tempo” que foram realizadas entrevistas e pesquisas em acervos para escrever e documentar esta parte cultural de Bagé.

Ao pretender realizar um estudo sobre a memória social do IMBA, no período de 1921 a 2011, buscamos subsídios para poder elencar critérios ao material acerca desse tempo de atividade no Conservatório. Partindo das entrevistas, ficou constatada a importância da atividade musical na vida dessas pessoas e o fato mais mencionado foi a participação nos grupos musicais existentes no Conservatório. Isso trouxe um novo enfoque para a pesquisa e direcionou-a. Se considerarmos a importância do IMBA, na cidade de Bagé, e, o fato dos entrevistados citarem os grupos como acontecimentos de manutenção e preservação da escola, podemos nos reportar a Halbwachs (2006, p. 72): “para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras”, ou seja, quando lembramos, mesmo que estejamos sozinhos, necessitamos dos fatos narrados por outras pessoas para confirmarmos nossas memórias.

Começamos o trabalho pela revisão bibliográfica de teses, livros e artigos. Foram pesquisados materiais sobre o Conservatório nos jornais *Correio do Sul*, *O Minuano* e *Folha do Sul*, em arquivos do Museu Dom Diogo de Souza, Bagé (fototeca e hemeroteca do Museu), documentação do acervo do IMBA (estatutos do Conservatório, documentos, programas de audições e fotografias), Arquivo Histórico Municipal de Bagé, arquivo de Mário Nogueira Lopes³ e arquivo da Biblioteca Pública Municipal de Bagé.

A pesquisa utilizou entrevistas semiestruturadas com a comunidade bajeense que se relacionou ou ainda se relaciona com esse estabelecimento. Os participantes foram trinta, com a idade variando entre dezesseis e noventa e nove anos. O roteiro de entrevistas foi constituído por questões que procuraram compor um perfil individual e coletivo, com suas inserções na configuração histórica e social da instituição (IMBA) e da sociedade bajeense. Todas as informações para a pesquisa foram fornecidas através de participação voluntária e, para isso, elas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram ouvidas, transcritas e analisadas, de onde se retirou o foco principal da pesquisa.

Todos se mostraram disponíveis para entrevistas e empréstimo de fotografias. Os entrevistados foram contatados através de relações profissionais e de amizade

³Mário Nogueira Lopes (Bagé, 28 outubro 1922) - Jornalista, pesquisador da área histórica e Cultura. Trabalhou e dirigiu durante 20 anos o extinto jornal *Correio do Sul*.

da pesquisadora e pessoas indicadas por elas.

Pretendeu-se com esta pesquisa obter um registro da memória social da trajetória do IMBA no período de 1921 até 2011 e marcar sua importância através de memórias dos bajeenses relatadas nas entrevistas. O conteúdo deste trabalho está dividido em cinco capítulos:

1. Introdução: onde são apresentados os temas norteadores e os objetivos desta investigação.
2. Atividades artísticas em Bagé: é feito um panorama das atividades artísticas e culturais da cidade no período da inauguração do IMBA, a sua fundação e a sua trajetória até o ano de 2011.
3. A cultura dos grupos artísticos como memória social do IMBA: através das entrevistas, dados extraídos de jornais, arquivos do IMBA, arquivos do Museu Dom Diogo de Souza e relatórios encontrados no Conservatório. É marcada a presença dos grupos na comunidade bajeense.
4. Os grupos artísticos na atualidade: são listados os grupos em funcionamento hoje e sua relação com a cidade.
5. Considerações finais: onde exponho as considerações finais sobre a pesquisa desenvolvida.

Além desse trabalho, vão ser realizados durante o ano de 2013 seis concertos temáticos com alguns grupos musicais existentes no IMBA atualmente. Os grupos serão os seguintes: Camerata de Flautas Doces, Banda Musical, Camerata de Violões, Grupos de Balé, Big Band e Conjunto de Pianos. Todos esses eventos serão filmados e o trabalho sobre o IMBA será divulgado durante os concertos.

Posteriormente será realizado um álbum iconográfico comentado sobre o Conservatório utilizando as fotos arrecadadas durante a pesquisa de campo.

Figura 01 – IMBA – Bagé



Fonte: Foto reproduzida pela autora.

Tantos os concertos temáticos como o álbum iconográfico (para o qual estamos tentando financiamento pelas leis de incentivo à cultura) configuram-se como produto final desta pesquisa de mestrado.

2 ATIVIDADES ARTÍSTICAS EM BAGÉ

2.1 Primórdios

A primeira notícia que se tem sobre aulas de música em Bagé é de 14 de maio de 1826, no jornal *Aurora* de Bagé:

Chegou nesta cidade, procedente de Pelotas, o Sr. Gesuíno José Tavares, professor de Piano e Canto, o qual propôs fixar residência nesta cidade, no caso de visar expressivas conveniências. O Sr. Gesuíno além de mestre em música é compositor com várias produções musicais litographadas na corte.

Também em notícia citada no jornal *O Liberal*, de 01 de janeiro de 1887, nota-se a preocupação dos fundadores com uma educação global sendo nela incluída a música:

Reconhecendo a necessidade que tem Bagé de um collegio de 1º ordem, compatível com o adiantamento, resolvi fundar um sob a denominação de Collegio Perseverança, que possa preencher essa grande lacuna e onde os Srs. Pais poderão encontrar professores para todas as materias que constituem o curso preparatório. Este collegio funcionará em vasto e salubre edificio, situado à Barão do Triumpho. Suas aulas serão abertas a 7 de janeiro e encerradas a 8 de Dezembro. O ensino será dividido em dois cursos: secundário e primário, este dividido em dois graus: o 1º grão constará estabelecimento das disciplinas que constituem as primeiras letras, o 2º comprehenderá, além disso, o 1º anno de latim e francez. O curso secundário constará de todas as disciplinas, exigidas para matricula em qualquer das academias do império. Haverá tambem um curso de musica, desenho e esgrima.

Segundo o jornal *O Dever*, o primeiro Instituto Musical de Bagé foi fundado em 05 de abril de 1904, em umas das salas da Intendência Municipal. O Educandário era dirigido pelo professor Henrique (Calderón) de La Barca procedente de Melo, Uruguai. No início de 1921, funcionou a Academia Musical, filial do Instituto Lopez, de Montevideú, que não teve longa duração assim como o anterior (LEMIESZEK, 1997, p. 57).

Também se fazia teatro no início do século XX. Em Fagundes (2004, p. 149) é citada a criação do Teatro Santo Antônio na Charqueada Santa Thereza, de propriedade do Visconde Ribeiro de Magalhães. Havia um grupo de arte dramática, composto por empregados do estabelecimento, banda musical – “a Lira de Santa Thereza” – e um cinematógrafo. O teatro tinha 6 camarins, 17 camarotes, 50

cadeiras na plateia, galerias para 150 pessoas, mesa de bilhar, bilheteria, copa e um piano que era tocado por músicos de renome internacional.

Através de entrevistas e jornais, também se sabe da existência da Orquestra do Guarany Futebol Clube, da Orquestra do Clube Caixeral, dos músicos que tocavam para o cinema mudo e dos coros de igrejas. A presença da Sociedade Espanhola (a primeira do Brasil) e italiana na cidade também contribuía para o forte movimento musical – artístico da cidade. Todos esses fatos montaram o cenário e propiciaram a fundação do Conservatório.

2.2 O Conservatório

Bagé, no início do século XX, era uma cidade com aproximadamente 40.000 habitantes, possuía ferrovia, luz elétrica (a primeira cidade no estado e a terceira no Brasil a ter este benefício), apresentações de cinema, ruas calçadas, telefone, charqueadas, dois times de futebol, feiras agropecuárias, um mercado público e uma indústria crescente.

Neste cenário, o professor Guilherme Halfeld Fontainha, que havia começado um grande trabalho de divulgação da música pelo interior do Rio Grande do Sul, juntamente com o Maestro José Corsi, a convite do Intendente Tupy Silveira, fundaram o Conservatório de música de Bagé. Esse trabalho começou na década anterior e resultou na fundação de escolas de música pelo estado (Pelotas, Rio Grande, Montenegro, Caxias do Sul, Cachoeira do Sul, Santana do Livramento e Uruguaiana).

Fontainha (1955, p. 5) era um personagem dinâmico que além de ser um dos maiores professores de piano de sua geração em todo o Brasil, introduziu um modelo pedagógico modernista inspirado na metodologia do Instituto Nacional de Música. Ele acreditava que “o ensino da música não objetiva apenas uma formação complementar ou profissional, mas é, sobretudo, um elemento essencial à formação cultural e espiritual do homem visando à integração total da personalidade”. José Corsi, era bandolinista húngaro e fundou, em 1913, o Instituto Musical de Porto Alegre. Foi também presidente do Centro Musical Porto-alegrense e inspetor e organizador da Banda Municipal de Porto Alegre. Fontainha e Corsi idealizaram um movimento que tinha por objetivo estabelecer uma rede de centros culturais que além de proporcionar educação musical aos jovens, também daria acesso à

circulação de artistas nacionais e internacionais em concertos (CALDAS, 1992, p. 17).

A inauguração aconteceu no Clube Caixeiral, sede provisória onde foram ministradas as primeiras aulas. Na oportunidade, apresentou-se a Orquestra do Centro Musical de Porto Alegre⁴. O Conservatório teve como primeira diretora a professora Vicentina Felizardo Ferreira, vinda de Porto Alegre, sendo substituída pouco tempo depois por sua filha, Célia Ferreira Lassance, que exercia a cátedra de piano no Instituto de Belas Artes da Universidade do Rio Grande do Sul. Os cursos iniciais foram Piano, Teoria Musical e Solfejo. O espaço foi municipalizado em 05 de abril de 1927, durante o governo de Carlos Mangabeira, e sua direção passou para Rita Jobim, sendo incluídos os cursos de Canto e Violino. Apenas em 1937, por ato do prefeito Luiz Mércio Teixeira, foi elevado à categoria de Instituto Municipal de Belas Artes⁵.

Da sede provisória, no Clube Caixeiral, a escola passou a funcionar no prédio da Avenida Sete de Setembro (atual Rádio Cultura), transferiu-se a seguir, para a esquina da Avenida Tupy Silveira e Rua Félix da Cunha (atual Supermercado Nacional), e finalmente instalou-se no Solar⁶ da Sociedade Espanhola, na Avenida Sete de Setembro.

Sobre o prédio que abriga o IMBA há 77 anos, “Trata-se da *Arquitetura eclética* que domina o cenário urbano bajeense [...] tem como característica o emprego de formas e adornos clássicos ou vários ao mesmo tempo”. (GONÇALVES, 2006, p. 54). A sua construção foi finalizada em janeiro de 1906, quando foi alugado para o Clube Comercial de Bagé, que ali ficou até o ano de 1934. Desde esse ano, até os dias atuais, o IMBA vem ocupando esse espaço, estando ligado à Secretaria Municipal de Cultura e tendo como Entidade Mantenedora a Prefeitura Municipal de Bagé.

Em 29/08/1921 aconteceu a primeira audição de alunos de piano, e nos *Anais de Bagé* (1963, p. 161), no capítulo sobre os jornais da cidade, Aporelly, do jornal *A Tradição*, traça elogios descritivos a primeira audição da Escola Musical de Bagé. Houve apresentações de piano, canto e bandolim e a reportagem encerra

⁴Agremiação que organizava concertos sob contrato e de uma variedade de formas defendia os interesses da classe dos músicos inclusive através de greves. Ao Centro viria a se associar quase a totalidade dos músicos profissionais ativos na capital. (Extinto em 1927, foi substituído pelo Sindicato dos Músicos Profissionais de Porto Alegre).

⁵Acto nº 336, livro 3, fls. 133 e 133v. Prefeitura Municipal de Bagé, 05/04/1927.

⁶Mansão, palacete.

comentando a audição: “levando em conta o pouco tempo que funciona o nosso Conservatório é deveras impressionante o resultado que conseguido na educação artística do nosso meio, sendo, portanto, digno do melhor apoio da nossa sociedade”.

Nesse mesmo ano, em 14 de dezembro de 1921, aconteceu o primeiro concurso público de piano, tendo como concorrente, entre outros, Rita Jobim Vasconcellos que viria a ser diretora de 1927 a 1964⁷. Dona Rita, como era chamada, faz parte do imaginário do Conservatório e da cidade de Bagé. Desde seu retorno à cidade, após terminar o curso de piano no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, dedicou-se a ministrar aulas de piano em sua casa. Ela tinha um sonho: transformar o pequeno Conservatório em uma grande Instituição Musical, sonho que acabou realizando no decorrer de sua vida, tornando em 1964 os cursos de música (Piano, Violino e Canto) em cursos superiores, reconhecidos pelo Ministério de Educação. Segundo Lourdes Figueiró, sua amiga e colega, *tinha o gênio tímido e humilde e era com grande sacrifício que recebia as honrarias e homenagens que lhe eram prestadas. Com sua maneira austera e ao mesmo tempo bondosa, conduzia com raro brilhantismo a disciplina e a amizade entre professoras e alunos*⁸. Mas, dentro desse imaginário que povoa as instituições duradouras e que possuem figuras fortes como diretoras, dona Rita era austera e exigente e costumava supervisionar até mesmo os vestidos de festa das alunas: senão estivessem de acordo com os padrões da época, não se apresentavam⁹.

Com sua municipalização em 1929, foi elaborado pela Intendência Municipal de Bagé, o Regulamento do Conservatório Municipal de Música, que continha cento e sete artigos divididos por subtítulos que dispunham: dos fins do conservatório, do ensino, da admissão e matrículas, da disciplina escolar, das audições, dos exames, do intendente, do diretor, dos professores, da secretaria e tesouraria e das disposições gerais. Esses artigos mostram que a instituição não é somente um espaço destinado à educação musical e à difusão cultural/musical, mas também de distinção social. Toda a comunidade escolar tinha regras que refletiam a sociedade e o não cumprimento acarretava penas inclusive de suspensão das aulas (artigo 32). Dentro da disciplina escolar os alunos tinham que ter uma “conduta que não infrinja

⁷ Arquivos de relatório de 1921 do acervo do IMBA.

⁸ Carta enviada ao IMBA para fins biográficos sobre Rita Jobim Vasconcellos.

⁹ Entrevista concedida por Neiva Martinez em 2010.

os bons costumes da educação e da moral”. No artigo 34, os alunos de piano adiantados, “são obrigados a acompanhar os de curso de canto, de violino ou de qualquer outro instrumento, sempre que lhes for ordenado pelo diretor”. E no artigo 35 “nenhum aluno poderá exhibir-se em audições públicas nem apresentar trabalhos seus em público, sem prévia permissão do Diretor”.

Todas essas regras tinham como fim adaptar o aluno à cultura vigente, ou seja, reproduzir as obras dos chamados “grandes mestres” (compositores dos séculos XVII, XVIII e XIX). Isto está relacionado nos programas de audições que constam dos relatórios finais de cada ano nos arquivos do conservatório. Aos alunos competia reproduzir um programa baseados nos moldes da escola de música de Porto Alegre onde o repertório era praticamente europeu. Havia algumas inserções de brasileiros como Villa-Lobos, Carlos Gomes, Lorenzo Fernandes e Francisco Mignone, mas a técnica e o desempenho utilizados eram de livros franceses, alemães, italianos ou ingleses. No primeiro arquivo, 1921 a 1957, são elencadas as apresentações, provas e concursos públicos onde a citação a Bach (compositor e instrumentista, 1685-1750) prevalece.

Constava a lista de disciplinas oferecidas: teoria e solfejo, canto, piano, órgão, harmônio, harpa, violino, violoncelo, contrabaixo, flauta, oboé, fagote, clarinete, trompa, clarim, cornetim, trombone, harmonia, contraponto e fuga, instrumentação, composição e história geral da música. Começava a expansão dos cursos de artes dentro do IMBA. Todos os cursos obedeciam aos adotados no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre. Entre outros, chama a atenção o artigo número 5, segundo o pensamento positivista da época¹⁰:

São condições essenciais para a admissão em qualquer dos cursos: a moralidade, a aptidão para a música, idade conveniente, segundo o curso; sanidade reconhecida e constituição física adaptada às exigências do estudo; conhecimento suficiente da língua portuguesa e operações aritméticas, as mais elementares.

Dentro destes valores sociais, culturais, artísticos e educacionais, os cursos de música foram se inserindo no estabelecimento. Na primeira década, temos relacionadas em torno de trinta audições de alunos e cinco concursos públicos de

¹⁰Corrente filosófica de Auguste Comte na qual um dos fundamentos era a ideia de que tudo o que se refere ao saber humano pode ser sistematizado segundo os princípios adotados como critério de verdade para as ciências exatas e biológicas. Isso se aplicaria também aos fenômenos sociais, que deveriam ser reduzidos a leis gerais como as da física.

piano. Também eram realizadas periodicamente horas de Arte, conferências musicais e festas beneficentes.

Arte, do latim *ars*, significando técnica e/ou habilidade, geralmente é entendida como a atividade humana ligada a manifestações de ordem estética ou comunicativa, realizada a partir da percepção, das emoções e das ideias, com o objetivo de estimular essas instâncias da consciência e dando um significado único e diferente para cada obra. A arte se vale para isso de uma grande variedade de meios e materiais, como a pintura, a escrita, a música, a dança, a fotografia, a escultura. O principal problema na definição do que é arte é o fato de que esta definição varia com o tempo e de acordo com as várias culturas humanas. (DISSANAYAKE, 1990, p. 34-39).

No Conservatório¹¹, a arte foi representada na música, na dança, nas artes plásticas e na declamação, esse último extinto na década de oitenta. Ela tem um papel fundamental na formação do ser humano como expressão daquilo que nos torna diferentes e únicos. Trabalhando com sensibilidades, autoestima e sociabilização, as escolas de belas artes ocupam um espaço dentro da cultura das comunidades e a sua existência, duradoura ou não, fica registrada na memória e nos fatos que a envolveram.

Os conservatórios de música formam músicos que se inserem em diferentes espaços da sociedade, e ainda, criam condições de acesso e de apropriação das obras culturais por meio de concertos e atividades artísticas, que oportunizam a fruição da música entre as camadas sociais e reconhecem tais bens culturais como elementos de valor social (VENDRAMI, 2010, p. 110).

Em Nogueira (2005, p. 11), texto sobre a cultura do piano em Pelotas, novamente temos contato com Fontainha e Corsi, já que o Conservatório daquela cidade também foi fundado por eles. Nogueira coloca o Conservatório dentro do contexto cultural da cidade, o qual é semelhante ao de Bagé, diz:

[...] pouco a pouco a visão desta sociedade frente à prática musical profissional se converte em aceitação e também desejo, e existe por parte das famílias dos alunos a intenção de que estes possam alcançar sua profissionalização como artistas [...].

O curso de piano começou no ano da fundação do IMBA, sendo responsável

¹¹O IMBA também era chamado de Conservatório.

pela formação de músicos, professores e público. Em seus relatórios anuais¹² pesquisados, encontramos oito concursos de piano, audições de alunos, recitais de pianistas famosos como Francisco Migñone, Guiomar Novaes, Laís Figueiró, Miguel Proença, Roberto Szidon, Marlos Nobre e Norma Bojunga, entre outros, e festivais. As audições eram em média quatro ao ano e os recitais individuais de alunos aconteciam de acordo com o nível de adiantamento em que se encontravam os mesmos, podendo variar de um recital ao ano até quatro.

A música foi elemento indispensável na educação e formação dos jovens, principalmente das moças e, nas primeiras décadas de atividade do Conservatório, a grande maioria das famílias tinha suas filhas cursando Teoria e Solfejo e aprendendo Piano, o instrumento mais procurado. [...] Registros existentes no IMBA comprovam seu papel de destaque, sua presença viva entre nós, durante toda a trajetória da instituição (Ana Maria Delabary, jornal *O Minuano* em 27/09/2011).

Atualmente, o instituto oferece cursos que abordam tanto ensinamentos de cultura popular quanto erudita, e possui aproximadamente 1.100 alunos, distribuído entre os cursos: Balé, Dança Moderna, Piano, Violão, Acordeão, Violino, Violoncelo, Contrabaixo, Técnica Vocal, Musicalização, Bateria, Flauta Doce, Flauta Transversal, Clarinete, Saxofone, Trompete, Canto e Teoria Musical.

Aos alunos são oferecidas atividades extras: Orquestra, Coral, Banda Marcial, Conjunto de Flautas, Grupos de Instrumentistas, Dança de Salão e IMBA Grupo de Dança nas categorias infantil, infanto-juvenil, juvenil e adulto. O IMBA promove Festivais de Balé, Oficinas de Música (IMBA Por Toda Parte), Festivais de Banda, Concursos de Solfejo, Recitais Anuais de Flauta Doce, Recitais de Músicos Convidados, Recitais de Cameratas de Violões e Saraus Temáticos. O IMBA tem trabalhado durante quase um século com o intuito de proporcionar o acesso ao aprendizado das artes aos habitantes da cidade, possuindo relativa acessibilidade. Ao fato de a mensalidade cobrada ser irrisória, acrescenta-se um plano de bolsas para alunos carentes. Essa instituição facilitou não só a formação de músicos e educadores musicais, como também de apreciadores, contribuindo para a formação de grande público, como, por exemplo, o FIMP (Festival Internacional de Música do Pampa), que ocorre há três anos, durante o mês de julho e tem sempre seus espetáculos lotados.

¹²Relatórios enviados anualmente para prefeitura. Suas cópias encontram-se arquivadas na secretaria do IMBA.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p. 9).

Ao contrário, a história, na sua leitura, começa justamente onde a memória acaba e a memória acaba quando não tem mais como suporte um grupo. Em outras palavras, a memória é sempre vivida, física ou afetivamente. No instante em que o grupo desaparece, a única forma de salvar as lembranças, que para os grupos existentes são exteriores, “é fixá-las por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem” (HALBWACHS, 2006, p. 101).

A fundação do IMBA pode ser colocada no contexto de inúmeras instituições musicais estatais criadas tendo por modelo o Instituto Nacional de Música (1890). Esta instituição, sucessora do Conservatório de Música (1848), representa bem o valor dado à cultura musical erudita na constituição do conceito de nação então vigente.

3 A CULTURA DOS GRUPOS ARTÍSTICOS COMO MEMÓRIA SOCIAL DO IMBA

Nos registros das expressões artísticas, desde as citações bíblicas, desenhos em cavernas, passando por vários períodos históricos e continentes se têm notícias de grupos que manifestam atividades instrumentais, vocais ou de dança. A capacidade para criar e partilhar a arte e sua manutenção e transformação é relatada em livros, tratados, desenhos, pinturas até chegar aos nossos dias com as gravações e a difusão midiática (CANDÉ, 2001; SACHS, 1938).

Os trabalhos de pesquisa, em suas várias áreas, são baseados nas fontes de informação, sejam nas obras de referência ou nas fontes orais. Ao optar pelo trabalho vinculado à memória pessoal, os focos de avaliação, estudo e análise desses dados foram limitados às referências aos grupos, mas isso não impediu que a vida artística da cidade de Bagé fosse mostrada através de várias épocas e a percepção de ver o tempo passar fosse intensa, vívida e imaginável, ou seja, ao relacionar as várias memórias individuais, chegamos a memória social do IMBA.

A educação musical no IMBA sempre proporcionou aos alunos a inclusão em grupos, que levavam para a comunidade bajeense a sua expressão artística, fosse de música, dança ou declamação. Esse fato aproxima a comunidade dos artistas, contribuindo assim para a identidade cultural da cidade. Através de trinta entrevistas,¹³ a importância da participação em grupos foi se delineando, onde todos, sem exceção, referem-se às apresentações artísticas ligadas aos conjuntos das mais variadas formações como um evento marcante para o IMBA, para a cidade e para si mesmos.

As apresentações artísticas em conjuntos, grupos, orquestras, bandas e balé mostram-se ao longo dos anos como uma tradição na cidade e os entrevistados demonstraram sempre muito entusiasmo e saudade dos tempos que viveram e muitos ainda usufruem desses encontros. Através de pesquisas em programas de audições, notícias em jornais e em entrevistas são referidos conjuntos de acordeons, pianos, orquestra, orquestra de flautas, coral, grupos de balé, camerata de violões, conjunto de câmara, operetas, banda, teatro, coro falado, *big band* e agrupamentos com formações diversas. Neste universo de expressividade e criatividade, a sociedade bajeense acostumou-se a frequentar seus espetáculos lotando sempre o

¹³Essas entrevistas foram gravadas e transcritas. Posteriormente serão oferecidas ao Acervo do IMBA.

Salão Carlos Gomes¹⁴. Ao consultar jornais de várias épocas, as frases “lotou o IMBA”, “espetáculo lotado”, “Auditório do IMBA lotado” são recorrentes.

As memórias escutadas e transcritas fazem passar diante dos olhos, de uma maneira sensível, os anos vividos por essa escola. As histórias vão se somando, entrelaçando, e a visão do Conservatório toma forma. Os fatos nem sempre estão de uma maneira cronológica, mas o imaginário completa as lacunas, preenche os espaços, e assim, como cada pessoa tem a sua vivência única, o IMBA torna-se único também através da evocação trazida pela sensibilidade dos entrevistados. Segundo Pesavento (2005, s/p):

Principiemos pelo entendimento da sensibilidade como outra forma de apreensão do mundo para além do conhecimento científico. As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social. O conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo.

Dos primeiros prédios, até chegar ao atual, muitas foram as mudanças, tanto da localização como as maneiras de iniciar o estudo no IMBA, de se relacionar com professores e com a arte em geral. A primeira audição foi descrita pelo jornalista Aporelly¹⁵, em 1921, no relato elogioso das executantes, das peças musicais e de sua diretora.

A audição de ontem – o grande sucesso alcançado – o aproveitamento das alunas. Foi, sem dúvida, uma nota altamente artística, que muito veio realçar o grau de cultura da nossa sociedade, a primeira audição de alunas da Escola Musical que funciona nessa cidade, sob a provecta direção da Exma. Sra. Da. Vicentina Ferreira. Grande número de Exmas. Famílias e convidados enchiam literalmente o salão do Conservatório, notando-se a assistência grande interesse e viva ansiedade para a realização do atraente programa (*Anais de Bagé*, p. 161).

Nessa primeira audição, também se apresentou Rita Vasconcellos que viria ser diretora em 1927. E a Escola Musical, Conservatório depois e Instituto Municipal de Belas Artes mais tarde, começava a sua existência.

¹⁴ Auditório do IMBA.

¹⁵ Aparício Torelly, diretor do jornal *A Tradição*, que circulava em 1921 (*Anais de Bagé*).

Sob o olhar dos entrevistados sentimos alegria, prazer, definição de vida, medo, pressão, rigidez, profissionalismo, formação de personalidade, educação, amizades e transformações que aconteceram no convívio na escola.

Ao começar pelas lembranças mais antigas, apresentamos as de D. Vanda¹⁶, que iniciou o estudo da música aos nove anos, por volta de 1922. Ela não começou seus estudos no Conservatório e sim com o professor particular Maestro Servan, espanhol radicado em Bagé, pianista que tocava em baile, orquestras e no cinema mudo¹⁷. Importante mencionar que a Sociedade Espanhola de Bagé é a mais antiga do Brasil¹⁸ e foi (e ainda é) responsável por grande parte da manutenção das artes em Bagé. Os pais de D. Vanda compraram um piano de cauda e colocaram as meninas para estudar música “naquele tempo não perguntavam se a gente queria”, diz ela. Em 1929, foi estudar no IMBA. Realizou exame de admissão e entrou direto no sexto ano, tendo aulas com D. Rita (Rita Jobim de Vasconcellos) que era então, diretora e professora de piano. D. Vanda relata: “diziam que ela (D. Rita) era muito enérgica, muito gritona, mas eu acho que por energia ninguém se perde”. Refere que D. Rita costumava entrar nas salas de aula, inesperadamente, e ficar observando sentada à escrivaninha enquanto a professora mandava algum aluno solfejar. Também recorda que era comum na cidade as pessoas tocarem piano, mesmo as que não tinham posses, pois estudavam na casa do vizinho. Esses fatos corroboram a cultura do piano tão forte no século XX, e em Bagé não era diferente.

No Brasil, o valor atribuído ao piano, instrumento caro e não portátil, gerou novos hábitos socioculturais, com a difusão de professores particulares (geralmente imigrantes), de cursos, saraus, recitais de piano, sociedades, lojas de música e a criação dos conservatórios musicais. Desde o início o século XX começaram a se deflagrar no Brasil essas escolas especializadas no ensino musical, com ênfase especial na educação pianística. Reproduzindo uma pedagogia pianística de matriz essencialmente europeia, estabelecida naquele continente desde a fundação de conservatórios como os de Paris (1795), Nápoles (1806) e Praga (1911), tais instituições educativo-musicais foram fruto de projetos desenvolvidos no Brasil desde a segunda metade do século XIX, como o Imperial Conservatório de Música do Rio de Janeiro (1841) (FUCCI AMATO, 2008, p. 173).

No Conservatório, nessa época (1929-1933), os alunos não costumavam tocar música popular, somente o erudito era permitido. Hoje, ela refere que no

¹⁶ Entrevista realizada 06/10/2012, com Vanda Deiro.

¹⁷ Primeira exibição cinematográfica em Bagé foi em 19/09/1897, jornal *O Comércio*.

¹⁸ Fundada em 20/12/1868. Responsável por trazer grupos de teatro, músicos e renomado arquiteto entre seus imigrantes (trabalhos de pesquisa do Núcleo de Pesquisas Históricas Tarcísio Taborda).

Conservatório tem muita música popular *fui para assistir um recital de violão e eles tocaram Tom Jobim!*. D. Vanda executava Bach, Chopin, Liszt, Brahms e os brasileiros Levy e Mignone; tocava operetas e músicas de salão com os vizinhos e amigos, *“essas músicas eu não levava para o IMBA”*. Havia muita dificuldade em comprar partituras; então, quando alguém conseguia, as mesmas eram copiadas à mão, muitas ainda estão guardadas por ela. As audições eram concorridíssimas, o prefeito alugava o cinema Avenida para as formaturas, os camarotes ficavam cheios. D. Vanda refere saudades, saudade das aulas de teoria e solfejo, de história da música e diz que não tem mais visto a Banda tocar, *“onde ela toca?”*. Diz que a música nos faz falta para a educação, para terapia e continua tocando: *“continuo tocando, o que é que eu vou fazer? Senão, continuo chorando... ai que dor aqui, ai que dor ali..., não dormi... ai que tenho que tomar o remédio... A música é o fio que tem me trazido até aos 99 anos”*.

E é através de um fio condutor, arte, que esse trabalho de memória social vai sendo tecido. As pessoas lembram e sempre se referem a outras, suas memórias estão ligadas aos fatos e esses fatos envolvem outras pessoas. Baseado em Halbwachs, a memória se forma quando o indivíduo toma como sua as lembranças do seu grupo de convivência, existindo um processo de apropriação de representações coletivas ao interagirem entre si. E que lugar mais apropriado para a convivência próxima e identificadora do que um espaço artístico? No Conservatório, a prática da música em conjunto vem de longa data juntamente com as apresentações expressivas do balé. E a prática do coro falado e do teatro também teve sua representação. Dentre as práticas musicais, a Banda do IMBA, já mencionada anteriormente, foi destacada.

Segundo Lucas¹⁹, regente atual da Banda do IMBA, seu primeiro contato com música “de verdade” foi com a Banda do IMBA. Ao assistir um espetáculo público, numa casa de idosos, teve o interesse despertado e foi conversar com o coordenador e no outro dia já tinha feito sua inscrição. Ele refere:

é muito bom esse tipo de coisa [...], muitos aqui dos meus alunos mesmo da Banda começaram a ter contato com a música e começaram a se interessar e se interessar... Tem uns que vêm pra cá as duas e trinta da tarde e saem daqui umas seis ou sete horas da noite.

¹⁹Entrevista concedida por Lucas da Silva Barres em 21/09/2012.

A Banda, como se apresenta em vários locais públicos, é muito popular na cidade e através disso acaba trazendo novos alunos e numa faixa etária maior.

Pensando nas diferenças que marcam esses noventa anos do IMBA, a maneira de encarar o aprendizado da música desses dois entrevistados é completamente oposta. No início do século XX, como já foi visto, era comum as meninas de classe média e alta estudarem música, ênfase dada ao piano, porque além de instrumento musical também fazia parte dos móveis de uma casa abastada. Alencastro (1997, p. 49) diz:

Comprando um piano as famílias introduziam um móvel aristocrático em meio de um mobiliário doméstico incharacterístico e inauguravam – no sobrado urbano ou nas fazendas – o salão: um espaço privado de sociabilidade que tornará visível, para observadores selecionados, a representação da vida familiar.

Segundo Mário de Andrade (1991, p. 12), o piano “era o instrumento por excelência da música do amor socializado como casamento e benção divina, tão necessário a família como o leito nupcial e a mesa de jantar”. Fazia parte da educação feminina, “as moças aprendiam bordados, piano, boas maneiras, línguas e cantos, pois almejavam serem moças prendadas para alcançarem seus objetivos” (DEL PRIORE, 1997, p. 448). Também nas entrevistas realizadas, fica clara essa “quase obrigação” de estudar música. E assim foi o que aconteceu com a entrevistada Vanda. Já Lucas²⁰, viu a Banda, num repertório característico, mesclando o popular com músicas da moda e alguns clássicos para essa formação musical e foi procurar como aprender. No entanto, ambos demonstram prazer em participar desse universo. *Ah, que eu me lembro de especial foi a apresentação de 2001 quando a Banda foi Banda de Ouro, com a regência do professor Rubens Veiga. Banda de Ouro é quando a banda ganha três anos consecutivos*, diz Lucas. Esses concursos são estaduais e anuais e o IMBA participa há mais de 10 anos.

Gláucia²¹, formada em piano pelo Conservatório e candidata a uma vaga na Universidade Federal de Santa Maria para o curso de piano, corrobora a importância da Banda como atividade que une e reúne a juventude. Segundo ela, o pessoal quer saber mais, vão procurar fazer outros cursos dentro do IMBA, *então muitos deles poderiam estar em outros lugares, mas querem estar no IMBA, vão de manhã ou de*

²⁰Entrevista concedida por Lucas da Silva Barres em 21/09/2012.

²¹Entrevista concedida por Gláucia Pinto em 24/09/2012.

tarde e ficam até [...] eles não querem só tocar por obrigação [...], procuram saber mais, poderiam estar em mil outros lugares, mas querem estar no IMBA, a importância do IMBA é indiscutível. Também refere à música executada e à participação nos concursos: A gente tocava mais música popular, eu tocava trompete na Banda, a gente foi num concurso em 2008, participou dum concurso da FEBARGS²², a gente ganhou melhor banda, 1º lugar!

Esse entusiasmo pela Banda e a história recordada pelos alunos da década de 1990 até 2012 parecem os mesmos dos alunos das décadas de 1960 e 1970, quando a Banda inovava com o uso de liras, flautas doces e muitas bailarinas.

A Banda do IMBA que era maravilhosa, eu tocava corneta, eu queria bater tambor, mas me deram uma corneta pra tocar (risos), foi um momento muito marcante, que marcou o auge do IMBA. Aqueles uniformes bem feitos, bem sincronizados, ensaios, tudo. O sete de setembro, quem é que coordenava [...] era a Neiva, isso, a Neiva Martinez. Muito linda a Banda, até dispensavam a gente do colégio pra vir, pra participar da Banda do IMBA, o desfile do IMBA, tinha que desfilar no IMBA²³.

O uniforme é um elemento de pertencimento do grupo, é uma maneira de ser identificado e distinto dentro de uma comunidade. Ele é referido por muitos entrevistados, principalmente o uniforme da Banda, pois esta é associada a eventos públicos, como desfiles, e o contingente de público é sempre maior do que em concertos.

A Banda também é referida por Oraides²⁴, flautista, violonista e ex-diretora. Ela lembra que naquela época, década de setenta e oitenta, era comum existirem bandas, *mas a do IMBA sempre foi diferente porque estava sempre na mão da Neiva, a Neiva sempre fez algo diferente nos desfiles*. Lembra também como os desfiles (da Semana da Pátria) são marcantes, abrangem o povo e a rua, e que, além da música, as pessoas olham o instrumento e a roupa. Em entrevista com Álvaro²⁵, ex-estudante de acordeom, ele refere à descontração e a facilidade com que os fatos ocorriam na Banda ao faltar um instrumento. Na época, década de setenta, ele tocava triângulo e a professora Neiva, regente da Banda, lhe disse: *faltou instrumento, vai à casa Gallo²⁶ e compra, diz que é para do IMBA. Aí eu fui e*

²²Federação de Bandas e Fanfarras do Rio Grande do Sul.

²³Entrevista concedida por Leilah Kalil Castro em 21/09/2012.

²⁴Entrevista concedida por Oraides da Rosa Silva em 19/09/2012.

²⁵Entrevista concedida por Álvaro Floriano Lahorgue em 05/10/2012.

²⁶Loja de instrumentos musicais em Bagé.

comprei um triângulo que estava faltando e desfilei tocando. Também fala que a Banda mantinha uma imponência pelo fardamento. Existe uma relação na evocação da Banda que vai além da música, ela é integrada com o uniforme e com os instrumentos já que nem sempre são seus instrumentos de estudo.

Lidando com as sensibilidades, a relação original da pessoa com o acontecimento é trazida para o presente, reorganizada e transformada em sentimentos, segundo Pesavento (2007, p. 10). Essas sensações continuam no presente e são partes da memória, através delas trazemos o passado, evocamos o vivido. Isso está presente na lembrança da ex-aluna de flauta doce e piano, Maria Luiza²⁷.

[...] nos desfiles de sete de setembro, a Banda do IMBA sempre era um espetáculo à parte, sempre era esperada, eu adoro banda até hoje, por conta disso eu não posso ver banda que eu tenho que sair atrás da banda, qualquer banda que tocar eu preciso ir atrás da banda, eu aprendi a amar banda, mas banda é uma coisa muito bonita, é algo que chama a atenção e a do IMBA em particular são flautas, liras, trompetes, escaletas, e hoje eu olho as bandas, cada escola tem sua banda, tem muita banda, mas a gente vê que não tem aquele naipe todo de instrumentos.

Nos desfiles da semana da pátria, além da banda, toda escola era envolvida. Havia bailarinas, bandinha rítmica e o uniforme de gala era usado. A Banda do IMBA era sempre esperada com ansiedade pelo público (memória dos entrevistados).

Maria de Lourdes²⁸, ex-aluna de acordeom, também lembrou a Banda, mas numa circunstância diferente: a cerimônia de enterro de D. Rita.

Quando ela faleceu, eu era da Banda, na época a gente tocava aquele rufo, percussão, então a gente desceu a Sete (Rua Sete de Setembro) rufando (os tambores) assim, nós todos de uniforme, aquela coisa triste, toda a Sete, a Banda acompanhando, todo mundo muito triste.

Com essas reminiscências a Banda passa... e se mantém. José Fernando²⁹, flautista e pianista também lembra a Banda apresentando-se em eventos nos lugarejos perto de Bagé: *foi o máximo ver as pessoas [...] as crianças tocando, tentando se disciplinar, aquilo foi muito legal, eu achava que o IMBA, se mostrando para a comunidade por intermédio da Banda, era uma coisa muito bacana.* A Banda

²⁷Entrevista concedida por Maria Luisa Avello em 20/09/2012.

²⁸Entrevista concedida por Maria de Lourdes dos Santos Nunes Colman em 06/10/2012.

²⁹Entrevista concedida por José Fernando Marques em 09/10/2012.

tinha além do uniforme, uma flâmula que era colocada nos instrumentos de percussão e a identificava também.

Zaida³⁰, pianista, fala com muito afeto:

[...] a Banda, que era gostoso ensaiar, [...] era bom desfilar com o uniforme do IMBA, jaqueta de veludo vermelha com os galões dourados, era bonito isso [...] nos desfiles de radialistas a gente desfilava tocando, nos desfiles de primavera, nos desfiles de sete de setembro [...].

Nessas várias manifestações sobre a Banda, em várias épocas, é registrada a experiência sensível pela qual os integrantes passaram ao participar nesse grupo. A figura do regente é sempre lembrada. É nele que são centradas as exigências, a criatividade e a afetividade. A professora Neiva é citada nas entrevistas em relação à Banda nove vezes e sempre com admiração pelo seu trabalho diferenciado.

A Banda tem trazido vários prêmios para a cidade, mas não só pela harmonia ou parte musical. Sua baliza também recebeu prêmios e isso acontece porque o IMBA também tem uma trajetória no balé muito forte. Sua diretora atual, Leila Cabeda³¹, bailarina, refere que foi estudar balé aos cinco anos e nunca mais saiu do IMBA. Considera-se privilegiada em conseguir juntar o “útil ao agradável”. Como eventos importantes, entre outros, ela cita os festivais de balé do IMBA. Esses festivais são citados por praticamente todos os entrevistados, tal a força e a presença dentro de Bagé. Atualmente eles acontecem no Militão³², ginásio coberto para 7.000 pessoas. Dionara³³, bailarina, também está no IMBA desde que foi estudar balé, continuando depois como professora.

[...] faz 44 anos que eu estou dentro do IMBA, eu entrei com 10 anos e estou saindo agora com 54 anos, me aposentando. Eu entrei no balé, direto, [...] Acho que eu nem saberia fazer outra coisa, me encontrei muito assim, a minha primeira professora foi a Aninha Pereira, e eu acho assim que de alguma maneira eu fui encaminhada para aquela escola e passei lá dentro muito mais tempo do que na minha própria casa. Eu sempre digo, é a minha primeira casa.

³⁰ Entrevista concedida por Zaida Valentim em 20/10/2012.

³¹ Entrevista concedida por Leila Cabeda em 19/09/2012.

³² Ginásio Presidente Médici.

³³ Entrevista concedida por Dionara Moraes Borba Blóis em 08/11/2012.

Na década de cinquenta, Heloísa³⁴, artista plástica e professora universitária, recorda que tinha o sonho de estudar balé. Seu avô era músico e sua mãe artista plástica, mas ela queria estudar balé.

Lembro que quando eu ganhei aquela roupinha, de balé, de malha e aquela bolsinha vermelha escrita com letras brancas, IMBA, aquilo hoje seria assim [...] sabe, uma Louis Vuitton, porque era um objeto de consumo pelo menos para mim e acho que para a maioria da gurizada daquela época era estudar balé no IMBA [...] a Aninha Pereira para mim era um ídolo na cidade que dançava com aquele sapato de ponta.

Ela lembra as apresentações no Militão³⁵, das coreografias trabalhadas e das roupas criadas especialmente para aquele tema, as decorações do palco e a grande quantidade de alunos. O balé no IMBA tem seu lugar de destaque há no mínimo sessenta anos, como também recorda Marilu³⁶, ex-professora de declamação e teatro no IMBA e professora de história da arte na URCAMP³⁷. Ela lembra a professora Marinei que fazia dança contemporânea na década de cinquenta. Refere que participou de espetáculos de dança contemporânea e apresentaram-se no Teatro Sete de Abril em Pelotas: *a Marinei, como professora de dança, eu vou te dizer [...] tiro o chapéu, que hoje a gente vê essa dança contemporânea [...] meu Deus ela fazia isso, ela era muito estudiosa, ela ia para o Rio sempre frequentando estúdios para se aperfeiçoar.*

Retornando a Dionara, ela refere que os festivais de balé sempre foram importantes para Bagé. Lembra que o festival começou *pequeno e hoje são em torno de oitocentos alunos em espetáculos com mais de duas horas de duração, foi um crescente.* Sempre montaram histórias com início, meio e fim, com o objetivo de passar alguma coisa para o público. *O festival de balé do IMBA é ainda um evento muito forte.*

Nesse mosaico de lembranças retornadas pelo estímulo das entrevistas, percebe-se que os grupos artísticos englobados pelo IMBA se mantêm há quase um século e que as pessoas envolvidas agora ou no passado sentem-se muito à vontade para falar com paixão de suas vivências. Segundo Oraides³⁸, o festival de balé envolve muita gente e atividades paralelas, mas ela é precisa em sua

³⁴ Entrevista concedida por Heloísa Bekman Morgado em 22/10/2012.

³⁵ Ginásio Presidente Emílio Garrastazu Médici.

³⁶ Entrevista concedida por Maria Luísa Teixeira da Luz em 09/12/2012.

³⁷ Universidade da Região da Campanha em Bagé.

³⁸ Entrevista concedida por Oraides da Rosa Silva em 19/09/2012.

percepção da emoção: [...] o IMBA abrigou eventos, eu não saberia te dizer, te precisar, até porque quando eu [...] difícil a gente não entrar no IMBA e não ficar assim [...] nas nuvens. Então fica registrado, pelo menos em mim, a emoção mais do que o evento em si.

Oraides lembra também das aulas de flauta da professora Neiva, relatando que eram diferenciadas, que iam além do nosso tempo, era prazerosa, não que as outras fossem ruins, mas eram mais formais. Naquela época, anos sessenta e setenta, *a gente já tinha uma cabeça mais voltada para o futuro e se adequou muito as aulas da Neiva [...] me diz, o que era ser aluno da Neiva? Uma bênção!* As aulas de flauta aconteciam em grupos. A professora Neiva marcou mais de uma geração pela informalidade dentro do Conservatório.

José Fernando³⁹ começou com o piano e passava os dias estudando sozinho, quando começou a perceber toda a movimentação da flauta doce, do pessoal tocando em grupo, que era um pessoal divertido e *aí aos pouquinhos eu fui me integrando e participando da flauta doce*. Refere os eventos em que todos tocavam música popular com arranjos bem feitos e a participação de cantores, em apresentações feitas no Clube Comercial e Associação Rural. *E a Neiva era muito folclórica, gostava muito de contar histórias e fazia aquela mise en scène toda para as coisas, e sempre criando uma coisa e outra, sempre foi muito criativa e divertida, isso aí atrai, não é?* Recorda ele.

Marco Antônio,⁴⁰ flautista, recorda sua passagem pelo IMBA. Diz que nunca esqueceu a primeira vez que se apresentou num palco. Foi numa audição de final de ano, com todos os alunos no palco, e ele, iniciante ainda também participou. Lembra que a professora estimulava os alunos a estarem sempre tocando, apresentando-se, e o fato dela juntar alunos adiantados com iniciantes era incentivador. *Ela reunia o grupão e participava todo mundo. Se o repertório não permitia, ela fazia vários grupos [...] e todo mundo tocava. Por mais iniciante que você fosse, estava lá no meio de todo mundo tocando, e então eu tenho isso na memória, sempre.*

A professora Neiva tinha essa maneira peculiar e de vanguarda. Em uma época que não se falava em Paulo Freire no IMBA (década de setenta e oitenta), ela regia suas aulas baseadas em despertar a curiosidade e o interesse dos alunos com repertórios que fugiam à regra do Conservatório, usando técnicas de ensino

³⁹Entrevista concedida por José Fernando Marques em 09/10/2012.

⁴⁰Entrevista concedida por Marco Antônio Barcellos de Oliveira em 30/12/2012.

diferentes (FREIRE, 2003). Marco Antônio também se lembra de passar o máximo de tempo lá dentro (do IMBA), *a gente não queria ir embora*, de só ir para casa quando o IMBA fechava. Outra coisa recordada é que não existia horário para as aulas, *você entrava e não saía mais*:

E o curioso como ela administrava aquilo, porque todo mundo tinha aula, um por um, ninguém ficava sem ter aula individual, em algum momento ela pegava e você tocava, e o resto da turma estava lá e você via os mais adiantados, você via como é que ela ensinava a resolver aqueles problemas. Era aquela sala aberta e o grupão todo ficava ali dentro e ninguém queria sair e algumas vezes a direção não gostava disso e pedia que ela controlasse isso e cada um tivesse seu horário [...] mas a gente não gostava, ela também não se sentia confortável [...] resumo: nunca dava certo. E a gente estava sempre em bando [...].

A Orquestra de Flautas apresentava-se muito, às vezes com outros instrumentos, como piano, contrabaixo e violoncelo, outras vezes com cantores. Os eventos variavam de formaturas a recitais dentro do próprio IMBA, em igrejas e clubes (arquivos do IMBA).

Mas eu gostava muito das apresentações, eu gostava das apresentações grandes que tinham, não só de flauta; às vezes a Neiva criava aquelas orquestras e reunia outros alunos, de outros cursos, a gente chegou a tocar no Militão⁴¹, recorda Ricardo⁴², ex-aluno de flauta. Ele lembra que a experiência com as aulas de flauta foi uma experiência muito intensa, não só de aprender música como também de convívio social.

Quando se toca em conjunto assim, se busca a harmonia, de fazer com que todo mundo entre no tempo certo, de que todo mundo toque correto, pra que o grupo todo apresente uma coisa boa, eu acho que isso cria na pessoa, é uma forma de educar pra coletividade, pro social, pra vida.

José Armando⁴³, professor de flauta transversal também diz que os grandes concertos que Neiva Martinez fazia, utilizando coral, orquestra e convidando a comunidade o marcaram muito, que ela conseguia aglutinar os músicos e ele também faz isso hoje. Traz músicos do popular para fazer o piano nas suas apresentações.

⁴¹Ginásio Presidente Emílio Garrastazu Médici.

⁴²Entrevista concedida por Ricardo Gatto Umpierre em 05/10/2012.

⁴³Entrevista concedida por José Armando Carreta em 19/09/2012.

Os alunos de flauta participantes da Orquestra foram convidados, em 1975, para apresentar-se no canal 10, TV Difusora. Maria Luísa⁴⁴ recorda: *era o programa Porto Visão da Tânia Carvalho, uma bajeense que conhecia o trabalho da Neiva, e nos convidou e nos projetou, projetou também o IMBA [...]. E nos projetou para todo o estado, para o IMBA também foi um evento.* Este fato visto e comentado na cidade, também contribuiu para a manutenção do IMBA na memória da cidade.

Retornando a José Fernando⁴⁵ e sua experiência com a flauta ele conclui: *quando se fazia aqueles concertos com as flautas, com as crianças era tudo muito bacana, mas também tinha os grupos de piano, nos quais eu não cheguei a tocar – na minha época não faziam mais.* Sua referência ao grupo no qual ele não participou remete a fixação do acontecimento na memória e identidade dos alunos do conservatório. Mas o Conjunto de Pianos referido aqui está novamente acontecendo no IMBA, após ter ficado por muitos anos sem atividade.

Lucia Antônia⁴⁶, pianista, ex-aluna e ex-professora do IMBA, conta que o Conjunto Carlos Gomes, este é o seu nome, foi criado pela professora Gelcy na década de sessenta: *ela dava música para nós tocarmos, inicialmente para dois pianos e [...] ela nem viu quando surgiu.* Era composto por cinco pianos executados a quatro mãos, por no mínimo dez pianistas. Normalmente eram mais componentes, porque nem todos tocavam todas as músicas. O Conjunto apresentou-se nos anos sessenta e setenta, depois, com a transferência da faculdade de música para a FUNBA (atual URCAMP), a professora Gelcy dedicou-se aos alunos da graduação e a outros projetos. Mas, recorda Lúcia, *ele ficou sempre guardado no coração da gente.* Entre as grandes apresentações, temos documentado o espetáculo oferecido para os astrônomos de muitos lugares do mundo por ocasião do eclipse total do sol, em 1966, realizado no Clube Comercial. Também na inauguração do ginásio Presidente Médici, em 1974, o Conjunto de Pianos participou. Lúcia conta:

Nós fomos até tocar na TV Piratini, em Porto Alegre. Nós paramos no antigo hotel Majestic (Casa de Cultura Mário Quintana), enjoei muito na viagem, em 1966. A gente ia por Lavras e Caçapava, a estrada horrorosa. Cheguei “em braços” lá, a D. Gelcy achava que eu não ia tocar. Depois eu melhorei. Ensaíamos de manhã e tocamos. A D. Gelcy falou sobre como surgiu o conjunto. A única coisa que ela reclamou foi que colocaram cadeiras nos pianos, eram cinco pianos. Ela pediu que imediatamente colocassem banquinhos redondos. Na hora da gravação estavam lá os 10 banquinhos.

⁴⁴Entrevista concedida por Maria Luisa Avello em 20/09/2012.

⁴⁵Entrevista concedida por José Fernando Marques em 09/10/2012.

⁴⁶Entrevista concedida por Lucia Antônia Bezerra de Mello em 21/09/2012.

A cultura do piano no Brasil, como foi visto anteriormente, e, especialmente no centro-sul, tem uma grande expressão a partir do final do século XIX (Amato, 2006). Lucia refere que o estudo do piano era tão importante na cidade que nas décadas de cinquenta e sessenta havia uma loja que afinava e trazia pianos.

Leilah⁴⁷ conta que entrou no Conservatório e no colégio no mesmo ano, com seis anos de idade, na década de cinquenta: *acho que era uma prática comum da época, pra completar a educação [...] Era normal, meu pai me colocou e eu segui, no piano e balé.* Ana Maria⁴⁸ também lembra:

E todo mundo passava por ali, todo mundo passava pelo IMBA, não tinha moça da época, jovem, que não estudasse no IMBA, fazia parte, eu acho, do dote, da prenda de casamento. É uma moça prendada [...] todo mundo passava pelo IMBA, umas obrigadas, eu não, eu fui porque quis. Meu pai me botou e disse assim: minha filha tu vais para aprender a tocar, tocar o que tu quiseres e não é obrigada a te formar. E aí eu fui, fui, fui até não é [...] mas muita gente tu via que estudava forçada e dizia o dia em que eu terminar isto aqui, graças a Deus, nunca mais e tanta gente fechou o piano e nunca mais abriu. Quantidade [...] se tu olhas aqueles quadros de formatura tu vê, vai ver gente que nunca mais [...] Mas tem aquelas pessoas [...] e na minha época muitas continuaram tanto é que no ano passado (2011) a gente deu mostra disso, nos juntamos, vinte e quatro, para tocarmos.

Voltando ao Conjunto de Pianos, Lucia Antônia relata que resolveu juntar o pessoal do piano para fazer uma surpresa no aniversário de oitenta anos da professora Gelcy, a fundadora, em 2008. Ao conseguir reunir quatro pianos a quatro mãos, ela observou que poderia continuar, que aquele encontro fez bem para vários ex-pianistas que estavam sem tocar, alguns há quase quarenta anos. Em 2011, o grupo se reuniu novamente, com vinte e quatro pianistas e cinco pianos e o trabalho foi retomado. Também lembra que nos 75 anos do IMBA, em 1996, conseguiu fazer um encontro do Conjunto Carlos Gomes:

Os 75 anos [...] fizemos uma festa maravilhosa, eu nunca vi [...]. Naquela quadra do IMBA foram feito dois palcos um para o balé dançar e o outro para o grande coral cantar atrás, depois tinha os cinco pianos e na frente a banda do quartel, em 96. [...]. Depois eu não juntei mais aquele pessoal. Todo mundo nos edifícios, todo mundo olhando na janela, a quadra foi fechada e a rua apinhadinha de gente.

⁴⁷Entrevista concedida por Leilah Kalil Castro em 21/09/2012.

⁴⁸Entrevista concedida por Ana Maria Delabary em 06/10/2012.

Segundo Elias (1999, p. 49), “uma das funções importantes da obra de arte é ser uma maneira de a sociedade se exibir, como grupo e como uma série de indivíduos dentro de um grupo”. Nessas audições do Conjunto de Pianos, além do prazer demonstrado em tocar junto, em comemorar datas ou homenagear pessoas, também existe o fato da apresentação, como grupo artístico, para uma comunidade ser uma maneira de fixar o trabalho desenvolvido e obter retorno através da aprovação da sociedade. E Lucia afirma: *esse ano (2012), eu pretendo novamente me apresentar, D. Gelcy me disse que vai estar na primeira fila. Ela se surpreendeu e diz que eu sou a aluna mais fiel dela.*

D. Gelcy⁴⁹, como é chamada pelos alunos, diz que o conjunto nasceu naturalmente, primeiro a quatro mãos, depois seis, oito e foi crescendo. Para os astrônomos no Clube Comercial, em 1966, foram seis pianos a quatro mãos! Foi aluna de D. Rita, a qual relembra *era de uma energia [...] gostava de mandar, dizia para os alunos sentar no piano e tocar, reclamava até da saia de baixo das meninas. Ela tinha medo da D. Rita, como aluna tinha que decorar tudo, com os meus alunos eu era maternal, [...] só queria que eles brilhassem.*

Também refere que passava muitas noites copiando partitura até que seu marido comprou um copiógrafo, *não era mimeógrafo*. Lembra que *naquele tempo não tinha casa que não tivesse piano, a gente passeava na rua e escutava piano*. Diz que tem *saudade imensa de vocês* e que o IMBA hoje *está decadente porque trabalha só com música popular*. É comum essa visão dos professores mais antigos já que as mudanças muitas vezes trazem desconforto. Música erudita e música popular, sempre tão distintas e antagônicas, tem-se misturado nos espaços do conservatório como indicativos de mudanças e interações sócio educacionais nestas instituições. O fato pode parecer pequeno, mas é real, tem provocado discussões e tirado do comodismo alunos e professores. Gelcy fala que a exigência de perfeição era muita, tanto para a música quanto para as artes plásticas, *a gente exigia muito*. E numa de suas respostas ela diz: *me lembro de tudo e de nada*. Talvez, pelas modificações ocorridas no Conservatório nos últimos anos, a ênfase dada a outros estilos e instrumentos a faça não querer lembrar, ou a sensação de tudo o que ela fez, e foi muito, corresponda muito pouco a suas lembranças, mas, segundo Ricoeur (2007, p. 508) “a vinda de uma lembrança é um acontecimento. O esquecimento não

⁴⁹Entrevista concedida por Gelcy Porto Médici em 22/09/2012.

é um acontecimento, algo que ocorre ou que se faz ocorrer. Obviamente que se pode perceber que se esqueceu, e nota-se isso num dado momento”, e esta conclusão se chega pelo próprio lembrar, segundo o autor. Então em uma frase simples e até cotidiana, mas vinda nesse momento da entrevista demonstra o que acontece com as pessoas ao ser inquiridas, o filtro porque passam as lembranças em um momento quase autobiográfico, já que a história do Conservatório se mistura com a própria vida dos entrevistados.

Em sua entrevista, Zaida⁵⁰, lembra seu primeiro contato com o Conjunto de Pianos, quando a professora Gelcy a chamou para fazer parte:

[...] nossa, mas ali só têm feras, as gurias tocam. Aí começou aquelas musiquinhas, e eu comecei a participar dos ensaios, às vezes também era aos domingos e eu achava muito incrível assim a organização da D. Gelcy, ela nos marcava um trecho para estudar, deixava estudando, ia a missa, voltava e aí queria saber daquele trecho que a gente tinha estudado. Era uma coisa muito incrível porque era um mundo, meu Deus, [...] Lembro-me disso direitinho, a gente montava os pianos na sala do balé, quatro ou cinco pianos e ela dizia: “eu quero [...] Poeta e Camponês, duas páginas. Eu vou a missa das 10 na Auxiliadora quando eu voltar eu quero ouvir as duas páginas. Aí elas nos deixava, colocava o veuzinho dela, pegava o rosário e ia e a gente ficava estudando. Quando ela voltava, tinha que sair aquelas duas páginas, a gente tocava, saía meio mal mas pelo menos, lia. Então assim, era incrível e a gente não ficava conversando não, porque tinha que apresentar o trabalho uma hora, uma hora e meia no máximo, que era o tempo da missa. Nunca vi isso em lugar nenhum... Hoje têm outras técnicas, mas era uma técnica peculiar que ela tinha e assim a gente tinha ensaios sábados e domingos, no final de semana.

Ela continua dizendo que em outros lugares onde frequenta (reside no Rio de Janeiro), não conhece uma escola assim, idônea, grande e duradoura, que existem muitas escolas de música, mas o IMBA é uma instituição, não é um “cursinho que abre na esquina”.

Vera Lúcia⁵¹, pianista, também moradora do Rio de Janeiro, recorda que ao deixar Bagé, seu piano não entrou no apartamento e ela acabou vendendo e ficando só com um teclado. Após 42 anos sem tocar piano, Lúcia a convidou para retornar - ela também havia participado do Conjunto de Pianos na década de sessenta - e isso foi uma motivação e agora ela tem um piano, *nunca mais tinha pegado uma partitura para tocar, nada, aí, peguei as partituras, comecei a tocar e já fui, aí sim, agora estou com um piano, piano!*

⁵⁰Entrevista concedida por Zaida Valentim em 20/10/2012.

⁵¹Entrevista concedida por Vera Lúcia Jardim Inghes em 10/11/2012.

Magela⁵², professora de piano, oriunda do Uruguai, lembra que quando chegou ao Conservatório, ficou maravilhada, não imaginava que numa cidade do interior pudesse ter tantas atividades: *tinha tudo, balé, música, postura, disciplina, canto [...] na minha vida é tudo, eu tiro forças para a minha vida.*

Gláucia, integrante dessa nova fase do conjunto, sabe da existência do conjunto “pelos antigos”, e acha muito bom a geração mais nova ensaiar com pessoas mais velhas, que existe uma troca de experiências durante os encontros. Ela refere que quando estão ensaiando existem diálogos assim: *não, mas a gente faz desse jeito, e elas não, mas a gente fazia desse jeito.* Então ela percebe que também podia ser feito daquela maneira e conclui:

E então a gente vê que se pode fazer coisas assim e as histórias que elas contam, muito mais do que na noite do recital a gente ir lá tocar, toda essa trajetória, esse tempo de ensaio, que não é só de ensaio, é de trocas, e o próprio afeto que a gente cria com as pessoas, que a gente nunca conheceu, mas um dia ela vai lá ensaiar, a gente conhece a pessoa e fica o resto da vida, então muito mais do que uma noite de recital é um ano inteiro de afeição que a gente cria com as pessoas, a gente não pensa só no resultado, a gente pensa em toda a trajetória pra chegar até lá e nessa trajetória tem coisas lindas, momentos mais difíceis a gente ajuda a pessoa se ela está com dificuldade, e no dia que a gente precisa a gente é ajudada, isso é muito legal.

Baseando-se em Pesavento (2007), em seu texto sobre as cidades, pode ser feita uma analogia sobre o Conservatório. Através dos depoimentos e das experiências dos então alunos de outras épocas, é trazido para os participantes de agora não só o conhecimento, mas também as sensações, as lembranças, os costumes, a maneira de realizar tal obra artística. E o Conservatório que não mais existe de alguma maneira transcende nos jovens.

Leilah⁵³ também concorda que a parte da convivência, da troca de experiências é mais importante do que a apresentação:

É uma coisa muito marcante, então agora eu com 62 anos podendo conviver com os meus colegas de idade como a Lúcia Antônia, a Vera Collares e outras que nos sucederam como tu Eliana, e a Zaida, os pequenos, os que estão aí, e eu acho isso um privilégio poder resgatar hoje, poder conviver, formar um conjunto e se apresentar, mas a parte da convivência é mais importante do que a apresentação, essa troca de experiências de gente que não vive mais em torno da música, alguns não é,

⁵²Entrevista concedida por Magela Fuentes Barbosa em 24/09/2012.

⁵³Entrevista concedida por Leilah Kalil Castro em 21/09/2012.

mas que num momento a música reúne, a música junta, faz aquela união assim, isso é muito importante.

Renato⁵⁴ – pianista, cantor e regente de coral – participou e participa novamente do Conjunto de Pianos e diz que o IMBA é o maior centro cultural de Bagé. Ele se lembra de seus estudos iniciais de piano, com a professora Gioconda⁵⁵; morava muito longe e às vezes tinha aula na casa dela, às vezes *ela marcava pra mim às 7h30min da manhã no inverno, um gelo...* Então, ele sentava na praça, abria os livros e chegava com os mesmos abertos, *porque não podia perder tempo* e tocava a campainha. Isso demonstra a seriedade e a rigidez que acompanhava o ensino do piano. Heloísa em sua entrevista coloca uma interrogação sobre isso, *[...] aquilo era um curso que trabalhava com a sensibilidade, com a arte, não é, com música, com pintura, com declamação, com tudo aquilo e aí ao mesmo tempo tinha uma rigidez conosco. A gente gostava, era um grande prazer, mas também era um tormento [...].* E vários outros ex-alunos também referem esse temor, a ansiedade de tocar certo, de estar com o uniforme correto, de saber todo o repertório e de obedecer às regras. Ana Maria também se pergunta: *por que nós, alguns com sessenta, com setenta anos estamos ainda na volta do IMBA? Porque ele deixou uma marca profunda e uma marca prazerosa, claro nem tudo são rosas [...] é a nossa referência em música.*

Até aqui foram lembrados a Banda, os Festivais de Balé e o Conjunto de Pianos, mas fazendo uma ligação através de Renato, chegaremos ao Conjunto de Acordeons. Ele cita, entre outros, grupos do IMBA: Orquestra de Metais, Grupo de Balé, Conjunto de Flautas, Serestas para a Comunidade, Alunos de Canto e Recitais de Acordeons. Refere que os Concertos de Acordeom reuniam vinte instrumentistas ou mais.

Lucia⁵⁶ também recorda do Conjunto de Acordeons:

Teve um evento que surgiu na época do Mário Mascarenhas⁵⁷ que o professor Antônio Correia, que era o professor de acordeom, fez. Um Conjunto de Acordeons que era a coisa mais linda da gente ver. Eram cinquenta acordeons tocando no palco. Aquilo também foi uma época muito [...] participava também o balé. O Mário Mascarenhas era famoso e eu acho que ele uma vez esteve aqui em Bagé. O prof. Antônio entrou em contato

⁵⁴Entrevista concedida por Renato Paim em 18/09/2012.

⁵⁵Gioconda Figueiró, pianista e professora do IMBA.

⁵⁶Entrevista concedida por Lucia Antônia Bezerra de Mello em 21/09/2012.

⁵⁷Acordeonista, compositor, concertista, grande difusor do acordeom no Brasil.

com ele. Fez diversos festivais de acordeom o prof. Antônio, tudo com a realização do IMBA.

Maria de Lourdes⁵⁸, acordeonista na época dos conjuntos, lembra que o Professor Antônio⁵⁹ e a professora Neiva organizavam as audições colocando quinze alunas no palco, somente mulheres, que às vezes vestiam-se de espanholas e faziam encenações. Também havia pessoas que dançavam enquanto o Conjunto de Acordeons tocava. Maria de Lourdes continua: *o IMBA me encanta até hoje, o IMBA é um lugar que transforma, porque possibilita sensibilidade e se temos sensibilidade, não temos espaço para a violência. A sensibilidade aqui referida é produzida pela arte, é sentida pelo corpo, pela emoção e remetida para o cognitivo e a memória. “Neste mundo do som, temos de admitir que a música é, por definição, um agente propulsor de sensibilidade e com alto poder de fixação de significados”* (Pesavento, 2007, p. 20). Maria de Lourdes acrescenta:

E o IMBA está sempre: ora faz seresta, ora faz piano, ora junta as pessoas que já estudaram para lembrar e fazer memória tocando. Então uma coisa assim maravilhosa. Eu considero o IMBA uma escola, onde oportuniza para o educador e o estudante atendendo a música, o violão, o piano, o teclado, a dança [...] quanto esta escola oportuniza para as pessoas, as famílias já estão buscando pra ter a sensibilidade dentro de casa, através dos seus filhos e o IMBA [...] tem uma festa na cidade, podes contar, fala com o diretor consegue os músicos para uma apresentação que é uma coisa maravilhosa [...] e é conjunto de violões, é conjunto de flautas, um espetáculo.

Ângelo⁶⁰, professor de violão, fala do Conjunto de Violões, a Camerata. Refere a dificuldade de conseguir que os alunos leiam música, a maioria faz parte do curso livre, violão popular. Diz que a Camerata ainda consegue “prender” os alunos que saíram do violão erudito. Esse fato, de um grupo musical se manter apesar do estudo individual do instrumento, de uma maneira mais eruditizada falhar, acontece com frequência. O grupo exerce o poder da identidade, do convívio social, da troca de conhecimento e isso o mantém. Em todos esses depoimentos, o vínculo com o grupo é mostrado e fortalecido através da identificação pessoal. E essa identificação é a arte, seja a música ou o balé. Como diz Ângelo: *na verdade, eu não procurei a música, acho que a música sempre me procurou, aí eu fui mais na emoção [...] eu*

⁵⁸Entrevista concedida por Maria de Lourdes dos Santos Nunes Colman em 06/10/2012.

⁵⁹Antônio Cândido da Correia da Silva, professor de acordeom e violão, aposentado.

⁶⁰Entrevista concedida por Ângelo Jose Pinto Dutra em 04/10/2012 .

lutei contra a música e num momento eu decidi que eu tinha que largar tudo pra ser feliz e buscar a música, independente se ia ter condição financeira melhor ou não.

Também refere sobre o que escuta em sua convivência com a cidade, ele vê gerações e gerações de pessoas falando *“ah, eu estudei no IMBA; meu filho estudou no IMBA; minha mãe estudou no IMBA; fulano foi professor no IMBA”*. Ele diz que de alguma maneira, direta ou indiretamente todas as famílias de Bagé têm uma ligação com o Conservatório.

Continuando a olhar o Conservatório sob esse aspecto mais novo, como o estudo do violão e da música popular (começaram ambos nos anos setenta), Renato lembra que uma coisa boa que o IMBA faz atualmente são as noites de seresta para a comunidade. Relata que o professor Ivonléo, violonista, convida pessoas de fora e junto com alunos do IMBA ensaiam e se apresentam. Chama-se Noite de Seresta e acontece duas ou três vezes ao ano. O IMBA promove. *Às vezes eu canto, a Beth (professora de canto) às vezes canta também, [...] tudo que é tipo de música, desde o popular até o clássico popular, chorinho, carnaval.*

O canto é um dos cursos mais antigos do IMBA, já passou por diversas fases e se mantém sempre com as vagas preenchidas. Beth⁶¹ lembra que sonhava em ser pianista e entrou no Conservatório para isso. Mas, conta ela, a história tomou outro rumo:

[...] depois que eu perdi meu pai, eu era muita agarrada com ele, tenho a impressão que a minha mãe me colocou no Conservatório até pra ver se eu conseguia seguir a trajetória, foi muito difícil pra nós. E eu fui para o Conservatório para estudar piano, eu ia fazer prova para o primeiro ano de piano e a dona Rita me chamou na sala da direção e me disse: Infantini (ela me chamava de Infantini), tu diz pra tua mãe ou ela consegue um piano pra tu estudares ou ela te tira do Conservatório. Porque eu estudava na mesa, e estudar numa mesa não dá, só a gente do interior pra fazer uma coisa dessas. Aí fui pra casa chorando, cheguei a casa e a minha mãe: “O que houve? O que houve?” Aí dei o recado, e ela disse: “Minha filha não tem importância, a mãe não pode te dar um piano, mas ela vai te dar o que ela sempre quis ser, tu vai estudar canto, o sonho da minha vida era ser cantora”. E ela tinha uma voz muito bonita, sabe que ela tinha uma voz afinada, uma voz cristalina, cristalina. Era uma voz muito bonita.

E ela se tornou cantora, “porque o canto é a paixão da minha vida”. Além das aulas individuais de canto ela também trabalha um grupo de técnica vocal porque as vagas não suprem a demanda. O canto é o nosso primeiro instrumento musical, aquele que nos liga à infância, à adolescência, que faz criar grupos para cantar e

⁶¹Entrevista concedida por Maria Elizabeth Vargas Infantini em 20/10/2012.

que carregamos sempre junto; as aulas e os eventos com canto sempre são muito procurados. Beth trouxe, em julho de 2012, um professor bajeense radicado nos Estados Unidos e o curso teve cinquenta e três inscritos. Beth refere alguns grandes eventos com cantores como as operetas realizadas em parceria com a URCAMP. D. Gelcy que na época era professora na faculdade “nunca abandonou o IMBA”. Lembra-se de um espetáculo com músicas afro que ela se apresentou com guizos nos pés e nas mãos, toda de branco e descalça:

Mas foi uma coisa muito, muito bonita, é um espetáculo que eu sempre trago em mente, foi uma coisa muito forte, o IMBA não tinha um lugarzinho onde pudesse entrar mais gente, [...] é uma coisa emocionante da gente ver, e as pessoas não se importam de ficar em pé, ficam na escada, mas assistem. A escola ainda continua trazendo a população, a comunidade pra dentro, ela nunca deixou de ser valorizada e reconhecida pela comunidade.

A percepção do acolhimento, do pertencimento à comunidade através das apresentações fortalece a preservação do fato na memória. A sensibilidade do artista ao notar a aprovação da plateia mesmo em condições não muito favoráveis lhe dá o retorno para a continuidade da ação e a manutenção da lembrança.

A diversidade de atividades artísticas é lembrada, até mesmo em cursos que deixaram de existir, como a declamação é mencionada. Maria Luísa fala da escola de formação de artes que é o IMBA, quase todas entrelaçadas com a música, mas lembra da declamação e sua relação com o teatro. Também relata que o curso de declamação facilitou a questão da oratória, pois ela sempre teve que falar em público na sua profissão.

Marilu⁶², ex-professora de declamação e precursora do teatro, conta que quando entrou, em 1963, para dar aulas, eram quarenta ou cinquenta alunos, *era uma aulinha individual, com os versinhos, aquela coisa toda*. Lembra que com o passar do tempo, na década de setenta, ela começou a *sentir que aquela coisa de ensinar o verso só, já estava meio ultrapassada*. Então, após assistir um espetáculo no Rio de Janeiro e fazer cursos pela Secretaria de Educação em Porto Alegre, ela começou com o coro falado. *Então aquilo me encantava, eu gostava da poesia e ver aquela maneira que eles faziam as divisões de voz, colocavam música [...]. Comecei então a fazer isso aqui com meus alunos, porque também era uma maneira de juntar aqueles grupos todos*. Teve auxílios da professora Neiva que entrava com a música

⁶²Entrevista concedida por Maria Luísa Teixeira da Luz em 09/12/2012.

e da professora Marinei que contribuía com os alunos de balé. Montou nessa época uma peça da Maria Clara Machado, bem conhecida que era *A bruxinha que era boa*. Foi uma adaptação, uma montagem simples, *comecei a me apaixonar pelo teatro*. Conta que as músicas eram feitas ao vivo, tanto nas peças de teatro como nas aulas de balé e também nos festivais de balé, era a Orquestra que tocava, *todos os festivais do IMBA eram com o pessoal tocando. Não era com música eletrônica, nada disso*. Lucia Antônia organizou durante vários anos uma orquestra para tocar nos festivais de balé. Marco Antônio lembra: *da Orquestra do Balé que depois eu acabei fazendo parte*.

Em arquivos de programas do IMBA pesquisados, sempre têm referências pontuais a orquestras, basicamente sobre três: a Orquestra Filarmônica, a Orquestra para o Festival de Balé e a Orquestra Juvenil. A primeira teve pouca duração (década de cinquenta) e era composta, além de professores e alunos do IMBA também por pessoas da comunidade. A segunda, mais atual, teve várias inserções no tempo desde a década de setenta até o século XXI com várias formações de instrumentistas. E a terceira que é lembrada nas entrevistas tinha como instrumento básico a flauta doce. Marco Antônio, flautista, recorda:

Neiva organizou uma orquestra, grande, com os instrumentos que nós dispúnhamos no Conservatório, minha estreia em palco, aquilo nunca mais saiu da minha cabeça. E hoje eu vendo isso com distância, eu me lembro da habilidade que a Neiva tinha em incluir os alunos todos, porque eu era um aluno de primeiríssima andada de palco, sem experiência nenhuma e eu lembro que ela pegava as partes musicais, me lembro de que a gente fez uma missa de Mozart, cordas, sopros e cantores e piano, uma coisa complicada, então ela pegou as partes e fez uma redução [...], a gente tocava semínimas, mas a gente tinha certeza absoluta que estava dentro da Orquestra.

Ao referirmos orquestra, chegamos ao violino⁶³ Marcelo⁶⁴, professor de violino, conta sua entrada no IMBA:

Aí eu vi aquele programa que me chamou a atenção, a história de um menino pobre e negro que começava a estudar violino e aquilo me chamou a atenção, eu falei para o pai, mas o pai achava que aqui era coisa de gente rica [...] Era um pouco, era antes um ambiente elitizado. Aí com 16 anos eu me matriculei [...].

⁶³O violino é um instrumento básico de uma orquestra, por isso foi citado aqui.

⁶⁴Entrevista concedida por Marcelo Azeredo Barbosa em 24/09/12.

Marcelo lembra que começou com violino e piano, mas acabou optando pelo violino pela falta de tempo para estudar os dois instrumentos. Em sua entrevista faz alusão à elitização do estudo da música ainda na década de oitenta, quando foi estudar no IMBA. “Infelizmente o acesso à educação musical no Brasil, como o estudo de um instrumento, continua sendo privilégio das elites, atitude que contradiz todo e qualquer princípio educacional” (HENTSCHE, 1993, p. 52). Esse fato também é referido por outros entrevistados. O aprendizado de música ou de outra arte é visto como um estudo para poucos, quase uma concessão da sociedade:

Sentia na diretora aquele carinho e aquela distância, mas eu sentia nela um olhar, parece que ela reconhecia, parece que ela dizia, a Maria de Lourdes é uma mocinha pobre, mas está aqui no IMBA e vai para frente. Ela tinha uma confiança e eu tinha uma confiança no olhar dela, aquele respeito⁶⁵.

Mas, independente do tipo de acesso, os alunos continuaram estudando. Na realidade, o IMBA sempre manteve bolsas de estudo⁶⁶ durante toda a sua existência, então, ao consultar as entrevistas parece claro que a elitização do ingresso e da permanência consistia no convívio social de diferentes classes.

Marcelo refere ainda que o seu estudo de música lhe auxiliou no seu trabalho, é músico da Banda do quartel em Bagé. O violino no IMBA foi um dos primeiros cursos a ser implantado, ainda na década de vinte, participando de várias atividades e entre elas as orquestras. Também eram feitos pequenos grupos de violinos com acompanhamento de piano para apresentações variadas.

Nesse flamar pelos grupos do IMBA, existe uma nova formação, a Big Band, ainda pouco referenciada pelos entrevistados por ser um grupo novo; assim, será relacionada em outro momento.

Ana Maria⁶⁷, no final de sua entrevista lembra o discurso proferido pelo seu paraninfo, reverendo Guedes, em sua formatura em teoria e solfejo. Ele era uma pessoa respeitada na comunidade bajeense por sua atuação na cultura. Ele proferiu: *muitas vezes as pessoas que têm problemas, que não conseguem viver bem, que são infelizes, têm a música trancada dentro delas*. Ela refere que no decorrer de sua vida, como musicoterapeuta, sempre se lembra dessa frase. De uma maneira bem

⁶⁵Entrevista concedida por Maria de Lourdes dos Santos Nunes Colman em 06/10/2012.

⁶⁶Arquivos e relatórios pesquisados na secretaria do IMBA.

⁶⁷Entrevista concedida por Ana Maria Delabary em 06/10/2012.

acessível, ele definiu o sofrimento ao qual somos submetidos por não deixarmos aflorar a nossa sensibilidade para a arte.

Esse foi um resgate do passado, mas diretamente ligado ao presente, posto que muitos desses grupos continuam ou foram retomados após algum tempo desativados. Nessas reminiscências pessoais tendo como *leitmotiv* a arte, também os entrevistados visitaram seus passados e os relacionaram com o presente, com o convívio social e com a comunidade bajeense.

4 OS GRUPOS NA ATUALIDADE

Fazendo um contraponto, utilizando as sensibilidades que mudam com o tempo, temos as colocações sobre o que acontece no Conservatório nos dias de hoje. Em muitos depoimentos fica clara a preocupação em manter um repertório mais erudito no Conservatório, principalmente com os entrevistados mais antigos; o que para alguns é decadência, para outros é motivação e abertura para atingir um novo público, não só de alunos como também de plateia. Isso diz respeito diretamente a sua identidade, a seu grupo e a memória social de sua época. Enquanto Gelcy⁶⁸, a fundadora do Conjunto de Pianos, diz: *eu lamento como se eu estivesse perdendo um membro da família que é a minha alma, a minha vida*, ao se referir aos novos tempos e a inclusão de outros instrumentos e repertório, Renato⁶⁹ fala das noites de serestas abertas para o público com repertórios alternativos. Ana Maria⁷⁰ faz uma análise dessas mudanças acontecidas e diz que o IMBA é importante para Bagé na cultura e na arte, que as pessoas vão absorver o conhecimento de maneiras diferentes, de acordo com a sua vivência e cultura familiar, *mas de uma forma ou de outra (o IMBA) abrangeu todo mundo*. Também refere às mudanças acontecidas como positivas e negativas. [...] *era mais uma elite que frequentava o IMBA até a década de 60, 70, são raras as exceções. E depois daí para cá, todo mundo tem acesso ao IMBA, claro há quem diga que piorou o nível de ensino*. Relata que naquela época muitos alunos iam estudar mesmo sem ter vontade, por imposição familiar. E conclui:

Hoje vai todo mundo que quer e muita gente se profissionaliza, ainda que não tenha um certificado formal de profissionalização, e, o pessoal que toca bem, está lá dentro também. Abriu, está todo mundo de todos os níveis econômicos, culturais, sociais, estão todos ali e cada um usufrui da sua maneira. Eu acho isso positivo, não acho ruim. Só que em determinados pontos parece que o poder público relaxou um pouco, mas eu acho que esse aspecto de ser aberto a todos, de ter vários cursos ainda que os professores não tenham uma titulação formal, isso era uma coisa bastante exigida, eu acho que tem o seu valor, por abranger mais pessoas, por dar opções para essas pessoas até viverem da música depois.

⁶⁸Entrevista concedida por Gelcy Porto Médici em 22/09/2012.

⁶⁹Entrevista concedida por Leilah Kalil Castro em 21/09/2012.

⁷⁰Entrevista concedida por Ana Maria Delabary em 06/10/2012.

E essas pessoas também formam grupos de música popular, bandas que tocam em bares, igrejas e praças. Maria Luísa⁷¹ conta que *na Praça de Esportes,*⁷² *nos finais de semana, quantos grupos musicais, bandas, gurizadas, adolescentes, escolas, igrejas, têm de tudo na concha acústica e em algum momento passaram pelo IMBA.*

Os grupos e conjuntos do Conservatório também sofreram mudanças. A escola hoje conta com uma Big Band, Camerata de Violões, Orquestra, Camerata de Flautas, Coral, Grupos de Balé e Banda Musical. Também o Conjunto de Pianos, embora sua coordenadora atual seja voluntária no trabalho, está fazendo parte das atividades rotineiras.

4.1 A Big Band

Uma formação artística nova foi acrescentada pelo professor de clarinete e teoria musical, Nilton⁷³: a Big Band⁷⁴. Ele refere que trabalha com alunos de diversas áreas tanto na teoria musical quanto na Big Band e isto é uma realização. Sobre a Big Band ele explica que não é só música americana que é produzida, mas também música popular brasileira só que “arranjadas instrumentalmente, próximo ao estilo das grandes bandas”. O trabalho, segundo ele, é desenvolvido com alunos e professores porque tem um grau de dificuldade mais avançado. Ele sabe, os professores sabem que se permanecerem somente ministrando aulas sua prática decai muito, então para se manterem é necessário tocar. E a Big Band proporciona isso e os professores agradecem. Ele é o único dos professores que não estudou no IMBA e faz a seguinte colocação:

[...] a minha visão pessoal é de dois mundos, o mundo interno Bagé e o mundo externo fora de Bagé. É excepcional, acho que o IMBA faz pela comunidade um auge com a arte, música e dança fora de série, que a gente não vê em outras comunidades, então a minha visão é bem esta assim, é fundamental isto aqui para a cidade de Bagé, é fundamental.

⁷¹Entrevista concedida por Maria Luisa Avello em 20/09/2012.

⁷²Praça que possui uma concha acústica utilizada para apresentações.

⁷³Entrevista concedida por Nilton Vergara em 19/09/2012.

⁷⁴Formação musical expressiva na história e na evolução do Jazz, típica dos anos 20 aos 50, nos Estados Unidos, e que hoje já se encontra em todo o mundo, não se restringindo às diversas linguagens do Jazz, mas se dedicando à Música Popular também por meio da Bossa Nova, do Samba, do Frevo, da Salsa, entre outros.

No final de sua entrevista, faz um pedido para não deixarem a Universidade encampar o IMBA! “Como fica a comunidade?” Ele lembra que isso já aconteceu em sua cidade e que o foco mudou e os alunos jovens ou iniciantes foram prejudicados, *eu sei a experiência de passar por isso, [...] Aí restringe, não têm como eles abrirem várias vagas. Vamos conservar o IMBA como ele está! Assim, se vierem ideias novas, ótimo, mas que não mude este formato, para a comunidade.* A sua identificação com o IMBA e a sua lembrança do fato acontecido com outro Conservatório o leva a temer pela mudança. Para ele, o que no passado Rita Vasconcellos lutou para que fosse uma realidade - o IMBA tornar-se uma faculdade - agora se torna uma ameaça. Claro que no presente o seu receio implicaria em outras coisas, como o espaço do IMBA ser utilizado pela UNIPAMPA, que agora possui Licenciatura em Música, em detrimento dos alunos da comunidade que recebem o ensino básico musical (o curso de música da UNIPAMPA começou em 2012 em Bagé e ocupa ocasionalmente as dependências do Conservatório).

4.2 A Banda Musical

A Banda Musical do IMBA foi reativada em 1994 e conta com 35 componentes músicos e uma baliza. No julgamento de Davi⁷⁵, flautista, é salientado que são reunidos vários instrumentos e várias disciplinas nas atividades da Banda já que são muitos os componentes e eles são oriundos de vários cursos. É composta pelos seguintes instrumentos: bombos, caixas, surdos, pratos, quadriton, liras, escaletas, flauta transversal, clarinetes, saxofones, trompetes, trombones, bombardino e tuba. Um agrupamento musical como esse possui instrumentos melódicos e de percussão e, como o repertório é variado, acaba por fazer uma multidisciplinaridade entre a teoria musical, história da música e percepção musical. Além do convívio com vários instrumentos o desempenho nas apresentações também pode variar e ser em movimento ou não (em palco). Participa sempre de concursos e passou recentemente de banda marcial para banda musical porque tem novos instrumentos como o saxofone e a flauta transversal. No ano de 2001, ganhou o troféu Banda de Ouro do Estado do Rio Grande do Sul pela FEBARGS⁷⁶. Em 2011, conquistou o terceiro lugar Baliza Sênior e segundo lugar Banda Musical

⁷⁵Entrevista concedida por Davi de Vasconcellos Machado em 22/10/2012.

⁷⁶Federação de Bandas e Fanfarras do Rio Grande do Sul.

Sênior. Em 2012, ficou classificada em segundo lugar no concurso da FEBARGS na categoria Banda Musical⁷⁷. A Banda é solicitada para muitos eventos em Bagé e arredores. Tem como instrutora musical e coordenadora a professora Joicelene Rodrigues Batista, como instrutor de percussão o professor Flávio Dutra e como regente o professor Lucas Barres.

4.3 O IMBA Grupo de Danças

Quanto ao balé, a atividade dos grupos é intensa. Dionara⁷⁸ conta que nesse ano, 2012, foram para o festival Bento em Dança, de 05/10/12 a 13/10/12, que acontece em Bento Gonçalves, RS, e já está na vigésima edição. O IMBA levou treze coreografias e todas foram premiadas. As treze premiações foram divididas entre as categorias de Dança Jazz, Dança Moderna e Contemporânea e Balé Clássico de Repertório Solo. Refere que o Dança em Bento recebe gente de todo o Brasil e também da Argentina. Em 2011, no festival de Balé de Santa Maria, levaram dez coreografias e trouxeram quatorze prêmios. Durante este ano, 2013, além do Festival de Balé já consagrado, participarão novamente dos concursos estaduais. Nilton⁷⁹ cita o Festival de Balé como evento marcante:

Festival de dança que Bagé tem todos os anos, sempre em locais bem amplos, eu acho fantástico pelo público que reúne, pela possibilidade que dá às crianças, adulto, todos em geral, de vislumbrar a importância da cultura em si como dança, através da dança.

O Grupo de Dança foi criado em 1981 com o nome de Grupo de Balé do IMBA, idealizado pela professora Rose Pinheiro com o objetivo de dar continuidade ao estudo de alunas já formadas. Foi o primeiro grupo a participar de eventos de balé fora da cidade. Após, foram formados vários grupos com faixas etárias diferentes e com diversos nomes até que, a partir de 2005, foram unificados com o nome IMBA Grupo de Danças nas categorias Infantil, Infanto-juvenil, Juvenil avançado e Adulto⁸⁰.

⁷⁷Dados obtidos no histórico da Banda em arquivos do IMBA.

⁷⁸Entrevista concedida por Dionara Moraes Borba Blóis em 08/11/2012.

⁷⁹Professor de clarinete.

⁸⁰Dados obtidos no histórico do IMBA Grupos de Dança em arquivos do IMBA.

4.4 O Conjunto de Pianos

O Conjunto de Pianos tem uma história diferente, depois de um hiato de trinta anos, com alguma inserção esporádica, foi retomado por um motivo bem claro: a homenagem em comemoração aos 80 anos de idade da professora Gelcy, sua criadora. Como já foi falado, a pianista e também professora Lucia Antônia Mello recomeçou o trabalho com o Conjunto de Pianos: entrou em contato com ex-alunos da mestra, marcou ensaios, montou repertório e um grupo foi formado. O grupo ganhou novos componentes e novo repertório. Os integrantes atualmente variam entre os 12 e os 74 anos, podendo ser alunos, professores, ex-alunos e ex-professores e residentes em várias cidades (Bagé, Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria, Cachoeira do Sul e Rio de Janeiro). Já houve quatro apresentações e a receptividade da comunidade tem sido vibrante. O encontro de tantas pessoas de diferentes lugares, gerações e formações constitui uma troca de vivências e tem motivado as lembranças, contribuindo assim para a memória musical da cidade.

Ai, o cheiro do IMBA, que cheiro bom, o barulho da música, aquele monte de salas ao mesmo tempo, aquele monte de música, lembra Maria Luísa ao comentar que está se esforçando para retornar ao Conjunto de Pianos, isso faz bem pra mim, assim são lembranças tão boas e com certeza isso me fez uma pessoa melhor.

4.5 A Orquestra

O professor de violino, Marcelo⁸¹, preparador do naipe de violinos e participante da Orquestra do IMBA, preocupa-se com o espaço físico do IMBA e com a difusão do instrumento. Fez vários projetos de levar música para a comunidade carente utilizando espaços alternativos próximos ao Conservatório e com monitores. Refere que tudo passa pela educação, *o IMBA está pronto para se engajar, junto com o governo, para atender a comunidade, levar tudo de bom que tem aqui*, e salienta a importância de manter o aluno ligado à instituição e ao grupo. Ele fala: *uma aula isolada num bairro da cidade, qual o vínculo? Às vezes as crianças não têm um vínculo muito grande, se dispersam*. Em seus projetos, além da aula, sempre tem a participação na orquestra. O vínculo mantido com o grupo e a

⁸¹Entrevista concedida por Marcelo Barbosa em 24/09/2012.

instituição é que vai fazer a sua identidade, a sua perpetuação tão referida pelos entrevistados. Segundo Halbwachs, a memória coletiva é patrimônio de um grupo que por sua vez possui uma identidade e essa identidade tem conexão direta com a memória. Sem memória não existe identidade e sem identidade o grupo morre. Por isso, a ênfase que o professor de violino dá ao vínculo tem razões comprovadas para a manutenção do aluno na escola. A Orquestra⁸² foi reativada em março de 2001 e conta atualmente com 25 instrumentistas. É formada por alunos, ex-alunos, professores e músicos da comunidade. O repertório é eclético e possui arranjos e adaptações feitas pela professora e regente Lucia Antônia Mello. Faz várias apresentações ao longo do ano. Seu regente atual é Lucas Barres.

4.6 Coral do IMBA

Reativado em março de 2001, possui 40 integrantes, fazendo parte alunos, professores e pessoas da comunidade em geral. Segundo seu regente, Renato Paim⁸³, possui repertório variado para valorizar todos os estilos de música e apresenta-se em diversos eventos culturais da região. Renato conta que seu primeiro contato com música foi em Coral: *sempre gostei muito de cantar, então eu adorava cantar aquelas músicas que me ensinavam, então começou tudo por aí [...]. Eu fui pegando gosto pela música através do Coral. A voz é o nosso primeiro instrumento, então prática coral acaba atraindo os alunos para a aprendizagem da música. Hoje, o canto coral é uma prática exercida e difundida nas mais diferentes culturas e etnias (FUCCI AMATO, 2007). Também o coral fortalece o sentimento de pertencimento ao grupo, à comunidade. Lá, durante os ensaios são trocados experiências entre várias faixas etárias, profissões e participações sociais. Ana Maria ainda refere que *alguns momentos muito lindos no ano da minha formatura foi a vinda do Mignone a Bagé, em 71, e a Diana regeu o Coral e a gente cantou muitas músicas para ele.**

⁸²Dados obtidos no histórico da Orquestra do IMBA nos arquivos do IMBA.

⁸³Entrevista concedida por Renato Paim em 18/09/2012.

Teve uma outra vez que a Aninha regeu um Coral, antes da Diana, regeu com a banda do quartel, foi uma coisa muito bonita também. O Coral do IMBA com a banda do quartel tinha uma boa relação também, bem musical, o seu Ataulfo era excelente na banda do quartel, foi um músico bastante importante na cidade e que lecionava no IMBA.

4.7 Camerata de Violões

A Camerata de Violões nasceu em 2008, foi fundada pelo professor Edeimar Teixeira e atualmente está sob a coordenação de Ângelo Dutra. Possui um pequeno número de integrantes e seu repertório é constituído de peças que vão do clássico ao popular. É composto atualmente por 10 violonistas, entre alunos e professores, que se dedicam, semanalmente, ao ensaio das peças musicais que são apresentadas em recitais desse Instituto e nos demais eventos para os quais a Camerata de Violões é convidada.

4.8 Camerata de Flautas Doces

A Camerata de Flautas do IMBA foi criada por Renata Tunholi Barcellos⁸⁴, em 2006, inspirada no trabalho realizado pela professora Mara Regina Garcia Corrêa em meados da década de 1990. Renata refere que quando foi aluna da professora Mara participou de grupos semelhantes e isso contribuiu para que viesse a trabalhar com música de câmara hoje. Segundo Renata: *se não fosse pela sua prematura morte, certamente esses grupos não teriam terminado.*

Por essa razão, considero que a Camerata de Flautas do IMBA, em sua composição atual, nada mais é do que a continuidade do trabalho dessa profissional fantástica, que também inspirada no trabalho da Professora Neiva Petri Martinez, criou os seus grupos.

Participam da Camerata de Flautas do IMBA alunos, professores e flautistas convidados, e podem participar todos aqueles que desejarem, desde que sejam flautistas. Renata refere que eventualmente pianistas e percussionistas participam dos eventos. Seu repertório é preferencialmente do período Barroco, mas não há essa obrigatoriedade. As peças costumam ser arranjos de três a cinco vozes, com

⁸⁴Professora de flauta doce do IMBA - enviou texto em janeiro de 2013 com os dados utilizados.

ou sem baixo contínuo, com a utilização de flautas doce sopranino, soprano, contralto, tenor e baixo.

Mário Lopes⁸⁵, jornalista que acompanha a história de Bagé, viu muitas mudanças acontecerem e referenda a importância do IMBA. Escreveu um pequeno histórico a meu pedido, e lembra que o *Instituto Municipal de Belas Artes professora Rita Jobim Vasconcellos* passou a chamar-se assim após sua morte em 1964, *justa homenagem a quem com inextinguível dedicação dirigiu a instituição até sua morte proporcionando ao longo de sua administração, a Bagé e região, inesquecíveis audições e memoráveis festivais de balé, além de revelar inúmeros talentos artísticos alguns alcançando renome nacional.*

Ele, ao longo dos seus noventa anos, sintetiza sua convivência com o IMBA: professora Rita, audições e festivais de balé. Ou seja, temos a demonstração da arte e da pessoa convivendo com a permanência do IMBA em Bagé. As pessoas têm na memória a emoção e o afeto que o IMBA representa em suas vidas, e isto ajuda na permanência dele na cidade. Em outras palavras, avalia-se, diante de tantos depoimentos, que a memória do IMBA mantém-se acesa, embora a arte tenha se transformado e as pessoas tenham se alternado nesta instituição, com o passar do tempo.

Como memória social, os grupos do IMBA têm uma representação no passado que se reporta ao presente, seja na continuidade dos mesmos grupos, seja na lembrança dos que existiram e ainda são recordados. O compartilhamento de memórias nos permite lembrar coisas que particularmente estavam esquecidas, mas que o convívio com os que viveram aquelas situações traz de volta as lembranças. Ao longo das entrevistas, houve um encontro espontâneo entre quatro entrevistados, e com o consentimento deles segui registrando. O tema principal foi qual o lugar do IMBA hoje na formação dos músicos bajeenses e a sua falta de credenciamento como escola. O IMBA foi fundado em 1921, municipalizado em 1927, transformado em Instituto em 1937, elevado a curso superior (federalizado) em 1964. Após isso, em 1969, seus cursos reconhecidos foram transferidos para a URCAMP, na época FUNBA, que necessitava de maior número de cursos superiores para ser universidade e o IMBA possuía cursos de Piano, Canto, Violino e Artes Visuais, mas continuou sendo da prefeitura e seus certificados eram válidos. Na década de 1990,

⁸⁵Texto enviado em novembro de 2012.

o IMBA saiu da secretaria de educação e foi para a secretaria de cultura. E isso tem sido motivo de muitas queixas dos entrevistados. As aulas de música e balé fazem parte da educação global do ser humano, mas como estão na cultura seus professores não são considerados professores (não têm plano de carreira) e os certificados fornecidos não têm validade. Finalizando a ideia de todos que estavam reunidos, Álvaro convocou:

Como tudo, todas as reivindicações têm que ser da sociedade, tem que vir do povo as necessidades, os anseios para que o administrador transforme em realidade, porque ele por si só não pode também tomar iniciativa de fazer, bom vou fazer isso e de repente o povo não quer. É uma responsabilidade de todos nós ex-alunos do IMBA de juntos formarmos esta luta, esta corrente, e defesa da legalização do IMBA, do posicionamento legal dele como escola de música e dentro da educação e não como ele está hoje que não é nem educação nem cultura, na legalidade. Então faço a convocação [...].

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após selecionar as entrevistas e analisar e escolher os textos... quantos olhares podem ser feitos? E de que maneira foram observadas e lidas todas as entrevistas? Quantas histórias diferentes poderiam ser tecidas se fosse outra pessoa a analisar ou se eu estivesse em outro tempo? Sinto-me meio “dona da história” ao direcionar meu foco para grupos, uma sensação estranha de que após as pessoas partilharem seu tempo e suas memórias, até mesmo alguns sofrimentos, comigo, eu escolho o que colocar. Parece que o trabalho não terminará nunca porque cada vez que eu reler terá um descobrimento, um fato novo, uma lacuna a ser preenchida, uma nova pessoa a ser entrevistada. E essa, certamente, me levará a outras, a outras pessoas, a outros acontecimentos, a outros focos. Não tem fim, só pequenas conclusões. Mas, de alguma maneira, misturando lembranças, sentimentos, arquivos, fotos, jornais e arte, a figura do IMBA foi delineada; ela é móvel, sujeita a modificações, mas uma coisa permanece: a arte como um elo de afetividade entre as pessoas. E, assim como essa memória parece ser infinita, o IMBA, que tem sua perenidade dentro de Bagé, parece que também não acabará!

Por ser uma pesquisa de mestrado - e toda a pesquisa significa uma relação e um limite - escolhemos excluir coisas e incluir outras; tendo o tempo e o espaço da pesquisa também limitados, isso nos leva a optar por alguns fatos e deixar outros.

Ao longo do trabalho ficou claro que o material levantado é superior ao que foi utilizado, sendo que muitas pessoas querem dar seu depoimento também, ficando programadas suas entrevistas para outros seguimentos desta dissertação.

Em relação às perguntas⁸⁶ apresentadas no início do trabalho sintetizamos a partir das entrevistas e pesquisas realizadas:

-Como se deu o desenvolvimento do IMBA na cidade de Bagé?

- ⊙ Ao poder aquisitivo dos habitantes na época de sua fundação.
- ⊙ A existência de charqueadas na região; em especial a de Santa Thereza que possuía Teatro e Banda Musical.
- ⊙ O convívio da cidade com as Orquestras do Guarany Futebol Clube e do Clube Caixerai.
- ⊙ Proximidade com Uruguai, de onde provinham músicos e companhias

⁸⁶As perguntas estão nas páginas 10 e 11.

teatrais.

- ⊙ À Sociedade Espanhola, a qual além de cultivar as atividades ligadas à arte também é a dona do prédio onde o Conservatório está instalado.
- ⊙ A presença do Cinematógrafo, em 1897, e a presença de pianistas do cinema mudo.

- Quais eram e quais são as características do IMBA que fizeram com que se mantivesse até os dias de hoje?

- ⊙ Modelo pedagógico atualizado inspirado na metodologia do Instituto Nacional de Música.
- ⊙ Concertos de artistas nacionais e internacionais.
- ⊙ Ter como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Bagé (relativa acessibilidade).
- ⊙ Eventos voltados para a comunidade.
- ⊙ Personagens que acreditaram e acreditam na formação artística.
- ⊙ Grande número de audições.
- ⊙ Formação de grupos musicais e de bailarinos.
- ⊙ Repertórios alternativos.
- ⊙ Prazer de tocar em conjunto.

- Que personagens marcantes passaram por ele e ajudaram na sua manutenção?

- ⊙ Guilherme Fontainha.
- ⊙ José Corsi.
- ⊙ Rita Jobim de Vasconcellos.
- ⊙ Neiva Petry Martinez.
- ⊙ Gelcy Porto Médiçi.
- ⊙ Francisco Mignone, Guiomar Novaes, Laís Figueiró, Miguel Proença, Roberto Szidon, Marlos Nobre, Marli Meira, Rachel Beckman, Bidu Sayão e Norma Bojunga, entre outros.

- O que levou e o que leva as pessoas da cidade a estudar no Conservatório?

- ⊙ Envolvimento familiar.
- ⊙ Contexto social.

- ⊙ Grandes eventos públicos visualizados através de grupos como Banda, Orquestra, Cameratas, Corais, conjunto instrumentais.
 - ⊙ Festivais de Balé.
 - ⊙ Concursos de piano.
 - ⊙ A presença no ensino da Música Popular.
- Que elo faz com que a comunidade mantenha os espetáculos sempre lotados?
- ⊙ Inserção do IMBA na comunidade.
 - ⊙ Rotina de eventos mensais.
 - ⊙ Tradição na cidade.
 - ⊙ Diversidade de apresentações.
 - ⊙ Divulgação.
- Quais grupos existiram e quais existem hoje?
- ⊙ Orquestras: filarmônica e infanto-juvenil.
 - ⊙ Orquestra para o festival de balé.
 - ⊙ Coral.
 - ⊙ Banda Marcial.
 - ⊙ Conjunto de Flautas.
 - ⊙ Grupos de instrumentos variados.
 - ⊙ Conjunto de Acordeons.
 - ⊙ Imba Grupo de Dança (infantil, infanto-juvenil, juvenil e adulto).
 - ⊙ Banda Musical.
 - ⊙ Dança de Salão.
 - ⊙ Cameratas de Violões.
 - ⊙ Big Band.
 - ⊙ Camerata de Flautas Doces.
- O que leva as pessoas que passaram pelo IMBA manter a referência e retornarem?
- ⊙ Ligação com o grupo.
 - ⊙ Lembranças afetivas.
 - ⊙ Participação em eventos.
 - ⊙ Ter algum parente ou amigo envolvido nas atividades artísticas..

● Prazer de tocar junto.

Em todas essas conclusões feitas a partir dos fatos e sua posterior análise é visível a apropriação da cultura artística feita pelas pessoas através dos grupos, mas também a influência familiar, os grandes eventos públicos e o tipo de repertório são relacionados. Bourdieu (apud Vendramini, 2010) analisa a cultura associada à teoria da dominação, de modo que a cultura é ao mesmo tempo um meio de garantia de dominação pelos dominantes (uma dominação que não se dá pela força e sim por uma relação de sentido, numa capacidade de dissimular a imposição de significações) e um sistema de significações hierarquizadas que mantém o distanciamento distintivo entre classes sociais. Dentro desta ideia e com o foco nas ações culturais que o conservatório tem praticado, a tentativa de interação pela arte tem sido feita, mas a aproximação acontece entre os alunos, de classes sociais diversas, mas não pela sociedade como um todo. Neste sentido, a elite que detém o conhecimento, mantém seu distanciamento, sendo o IMBA utilizado muitas vezes pelos políticos, que possuem o poder, como cartão de visitas para seus eventos.

As constatações contraditórias de alguns aspectos do relacionamento mostrado em entrevistas, como “o IMBA é mãe e madrasta”, de José Carreta⁸⁷, se estendem a muitos dos entrevistados. Alguns ex-alunos relatam a ansiedade e o medo porque passavam nas provas e audições e, muitas vezes, quando entram no IMBA revivem essa sensação mesclada de prazer e temor *até hoje eu tenho pesadelo com a prova de piano e audições*, refere Ana Maria. Leilah também lembra: *As audições [...], aquela maneira de exposição, a rigidez, aquela coisa assim que tu entravas meio tremendo nos banquinhos, até esperar a tua vez [...] mas isso tudo faz parte da formação, eu acho que foi muito positivo tudo*. Em oposição, outros não referem sensações de temor ou ansiedade e se sentem encantados sempre:

O IMBA me encanta até hoje, [...] eu considero o IMBA uma escola onde oportuniza para o educador e o estudante; atendendo a música, o violão, o piano, o teclado, meu Deus, a dança, quanto essa escola oportuniza para as pessoas, [...] tem uma festa na cidade, podes contar, fala com a diretora, consegues os músicos para uma apresentação que é uma coisa maravilhosa [...] ele se tornou de uns tempos para cá, com mais acessibilidade às pessoas [...], ele representa para nós qualidade, vida de geração em geração (Maria de Lourdes).

⁸⁷Entrevista concedida por José Armando Carreta em 19/09/2012.

O IMBA por si só ele encanta. Ele encanta por diversos aspectos. Primeiro lugar pelo aspecto físico, o IMBA encanta pelo prédio, prédio lindíssimo, é um prédio bonito colocado em qualquer cidade do mundo (Álvaro).

Pelas entrevistas, é constatado que os temores maiores ainda são lembrados pelos que mantêm uma carreira artística, tocando ou apresentando-se para um público. Seria o comprometimento do não errar? O olhar do professor ainda presente? Provavelmente sim, visto que esses temores são sentidos frequentemente entre os artistas. Mas, o fato de tocar junto quebra essa sensação. Zaida⁸⁸ refere que as provas e as audições “eram um massacre”, mas hoje ela lembra com carinho de tudo isso, relata também “não curtir tanto tocar sozinha”. Atualmente, tocando em grupos musicais para teatro no Rio de Janeiro, sente mais prazer no que faz. Reporto a essas entrevistas porque no universo musical/artístico essas lembranças de temor despertadas (e também acarinhadas) fornecem duas maneiras de abordagem: a primeira, já mencionada, seria o comprometimento do profissional *versus* o amador, a segunda, o prazer de fazer música como solista ou em grupo. Em se tratando da memória como a formadora da identidade, a valorização do sofrimento nas lembranças é maior em quem fez desse estudo sua profissão? E isso se contraporá à idealização da lembrança de um tempo perfeito em quem foi seguir outra profissão? Isso levará a outro estudo. Quanto às referências ao prazer de fazer música em conjunto, em dançar com os grupos nos festivais, em fazer teatro, são lembranças afetivas – como na recordação de Dionara⁸⁹, bailarina, que refere o IMBA como sua primeira casa. Baseado em Halbwachs (1990), a adesão afetiva ao grupo é a manutenção da memória individual e coletiva.

Também é constatado que as atividades culturais, não ficam subordinadas a somente uma maneira de ação - a erudita. Em menor escala, acontecem períodos de “abertura” para outro tipo de abordagem. Começam a constar nos programas composições de alunos e professores, no início dentro de forma erudita ou hinos comemorativos, mas na década de setenta já é possível relacionar nos arquivos melodias de cunho popular, utilizando-se instrumentos considerados mais populares como o violão e a flauta doce. Também o balé começa com outras modalidades de dança, como o jazz e dança moderna. É uma maneira de atrair alunos de outras esferas sociais. Segundo Passeron (1995, p. 331), este é o *projeto de reabilitação*

⁸⁸Entrevista concedida por Zaida Valentim em 20/10/2012.

⁸⁹Entrevista concedida por Dionara Moraes Borba Blóis em 08/11/2012.

das culturas populares que “visa reorganizar e refundir como legítima vida cultural as formas festivas, preferências estilísticas, prazeres ou consumos simbólicos já praticados e valorizados nos grupos sociais onde se investe seu projeto de revalorização das culturas populares”. Entre estas duas maneiras de difundir a cultura, existe uma tensão entre os “militantes” (Passeron, 1995, p. 339), pois os cada grupo considera como legítima cultura a sua representação (obras consagradas versus arte popular). E esse fato é corroborado nas entrevistas.

Essa instituição, o IMBA, facilitou não só a formação de músicos e educadores musicais, como também de apreciadores dessa arte. A trajetória descrita leva-nos a considerar a importância dos fatos que deram à região um desenvolvimento cultural considerável, tendo sido instituídos eventos importantes nos quais de forma direta ou indiretamente esse estabelecimento participou ou participa, tais como: Festival Internacional de Música do Pampa (FIMP), Dança Bagé, Licenciatura em Música na Universidade do Pampa.

O FIMP começou em julho de 2010 e é um festival que traz músicos de várias nacionalidades. São ministradas aulas de instrumentos de orquestra (sopros, cordas, metais e piano). A programação é intensa com ensaios, aulas e concertos diários. Também são feitos concertos comunitários em hospitais, casas geriátricas e creches. O Dança Bagé está em sua décima edição e traz grupos de bailarinos de todo estado. Durante uma semana a cidade fica envolvida pela dança. São realizadas mostras, oficinas, fóruns, shows e intervenções e são utilizados espaços convencionais e alternativos. O Curso de Música na UNIPAMPA está em seu primeiro ano e ocupa as salas de música do Conservatório. Têm sido feitas parcerias com o IMBA, como o Encontro Internacional de Voz com Piano & Violão, acontecido em julho de 2012, que teve por objetivo oportunizar o aperfeiçoamento de alunos na área da música.

Todos esses fatos legitimam a pesquisa desse resgate e contribui para a memória social do IMBA na cidade de Bagé.

Dizem que todo teatro tem seus fantasmas, nem bons nem ruins, apenas habitam aquele espaço sagrado e se manifestam de vez em quando...

De alguma maneira, após escutar tantas pessoas, posso ser a porta-voz desses “fantasmas”, que tenta formar uma memória de resgate do passado, fundamentar sua identidade e seguir adiante sem ser esquecido nem ficar somente idealizado no imaginário.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de NOVAIS, Fernando (org). **História da Vida Privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras. 1997.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. **Foge, Foge, Você Tá no Pau! O Vocabulário Paronímico no Carnaval da Bahia**.
- Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. XV, n. 5, t. 2., p. 1801, 2011.
- ANDRADE, Mário. **Aspectos da música brasileira**. Belo Horizonte: Vila Rica Editoras Reunidas LTDA, 1991.
- _____. **Pequena história da música**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1977.
- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento Araújo; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História, memória e esquecimento: implicações políticas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 79, p. 95-111, dez. 2007.
- BORGES, Dulcina Tereza Bonati; SOUZA, Izabel Cristina da Costa. O Conservatório Estadual de Música “Cora Pavan Capparelli”: Histórico, projetos e objetivos. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 197-225, 2010.
- BONNEWITZ, P. Primeiras Lições sobre a Sociologia de Pierre Bourdieu. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, Zouk, 2007.
- _____. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.
- CALDAS, Pedro Henrique. **História do Conservatório de Música de Pelotas**. Pelotas: Semeador, 1992.
- CANDÉ, Roland de. **História universal da música**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASTANHO, Sergio. Institucionalização das instituições escolares no Brasil: final do Império e Primeira República no Brasil. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura et al. (Org.). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, 2007. p. 39-57.
- CORTE REAL, Antônio. **Subsídios para a história da música no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: URGs/IEL, 1980.
- CUNHA, Elisa da Silva e. **Compreender a escola de música como uma instituição um estudo de caso em Porto Alegre – RS**. Tese (Doutorado em

Música). Porto Alegre: Instituto de Artes/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

DELABARY, Ana Maria. **Jornal o Minuano**, em 27/09/201.

DISSANAYAKE, Ellen. **What is art for?**. Washington: University of Washington Press, 1990.

ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um Gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

FAGUNDES, Elizabeth Macedo de. **Inventário cultural de Bagé: um passeio pela história**. Bagé: Editora Praça da Matriz, 2004.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

FONTAINHA, Guilherme Halfeld. **O Ensino do Piano**, São Paulo. 1955.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Funções, representações e valorações do piano no Brasil: um itinerário sócio-histórico. **Revista do Conservatório de Música**. Pelotas: UFPEL, dez. 2008.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. **Memória musical: retratos de um conservatório**. São Paulo: Editora Annablume, 2010.

_____. O canto coral como prática sociocultural e educativomusical. **Revista Opus**, ANPPOM, v. 13, n.1, p. 75-96, jun. 2007.

GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. **Arquitetura bajeense. O delinear da modernidade: 1930-1970**. Dissertação, Mestrado em Arquitetura, Porto Alegre: PROPARG/FAUFRGS, jul., 2006.

GONDAR, Jo; DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HENTSCHE, Liane. Relações da prática com a teoria na educação musical. In: Encontro Nacional da ABEM, II, Porto Alegre, 1993. **Anais**. Porto Alegre: ABEM, 1993. p. 49- 67. CDROM.

KIEFER, Bruno. **História da música brasileira**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1997.

KIEFER, Nídia Beatriz Nunes. **Prelúdio**: uma proposta de educação musical 1982 – 2002. Doutorado em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

LEAL RODRIGUES, Claudia Maria. **Institucionalizando o ofício de ensinar**: um estudo histórico sobre a educação musical em Porto Alegre (1877-1918). 2000. Dissertação de Mestrado em Educação Musical (Programa de Pós Graduação em Música) Porto Alegre: UFRGS, 2000.

LEMIESZEK, Cláudio de Leão. **Bagé, novos relatos da sua história**. Bagé: Martins Livreiro, 1997.

_____. **Bagé, relatos de sua história**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

LOPES, Mario Nogueira. **Bagé**: fatos e personalidades. Bagé: Editora Praça da Matriz, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na Sala de Aula**. ; In: DEL PRIORE, Mary (org). História das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro; Campus; [p. 443 – 481]; 1997.

MINUANO ONLINE. **Ano XVIII** - Bagé/RS. Disponível em: <http://www.jornalminuano.com.br>. Acesso em: 05 de maio de 2012.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n.39, 2000.

NEVES, Hirlândia Milon. **Implementar uma instituição de formação musical**: Uma História do Conservatório de Joaquim, Manaus/AM. Dissertação (mestrado em música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NOGUEIRA, Isabel Porto (org.). **História iconográfica do Conservatório de Música da UFPEL**. Porto Alegre: Palotti, 2005.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

NOSELLA, Paolo; Buffa, Ester. **Instituições escolares**: porque e como pesquisar. Curitiba: Editora Universidade Tuiuti do Paraná, 2008.

PASSERON, J.C. O Raciocínio Sociológico. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

PESAVENTO, S. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Coloquios, Puesto en línea el 04 febrero 2005. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/229>. Acesso em: 10 de fev. de 2013.

PESAVENTO, Sandra J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades Imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53, jan./jun. 2007.

PESAVENTO, Sandra J; LANGUE, F. (orgs.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007a.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papyrus, 1997. T.III.

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira do. O lugar mítico da memória. **Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, Rio de Janeiro: UNIRIO/Morpheus, v. 1, n. 1, 2002 - ISSN 1676-2924. Disponível em: <http://www.unirio.br/cead/morpheus/Numero01-2000/claudiarosario.htm> - Acesso em 03/03/2012.

SACHS, Kurt. **História universal da dança**. Paris, 1938.

SAMPAIO, Luiz Paulo. O papel do piano para a vida musical e cultural do Rio de Janeiro desde o final do século XIX. **Revista Eletrônica de Musicologia**, Rio de Janeiro: UNIRIO, v. XIII, jan. 2010.

SOUZA, Laura de Mello e; NOVAIS, Fernando A.; ALENCASTRO, Luiz Felipe de; SCHWARCZ, Lília Moritz; SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. 2 ed. São Paulo, SP; Companhia das Letras; 1998.

SWANWICK, K. **A basis for music education**. London: Routledge, 1979.

VASCONCELOS, António Angelo. **O conservatório de música: professores, organização e políticas**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2002.

VENDRAMI, Georgeana. L. **Conservatório de Música de Ponta Grossa: (re) produção cultural e distinção social (1971-1995)**. 2010. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2010.

VERBETE “Bajé”, da Enciclopédia dos municípios brasileiros, v. XXXIII, 1959.

WEILAND, Renate L. **Aspectos figurativos e operativos da aprendizagem musical de crianças e pré-adolescentes, por meio do ensino de flauta doce**. Dissertação (Mestrado em Educação). Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2008-2009.

Documentais

Arquivos do jornal da cidade de Bagé.

Arquivos encontrados na Secretaria do Conservatório.

Jornal Correio do Sul.

Hemeroteca do Museu Dom Diogo de Souza.

Prefeitura Municipal de Bagé.

Regulamento do Instituto Municipal de Belas Artes, 1929 e 1937.

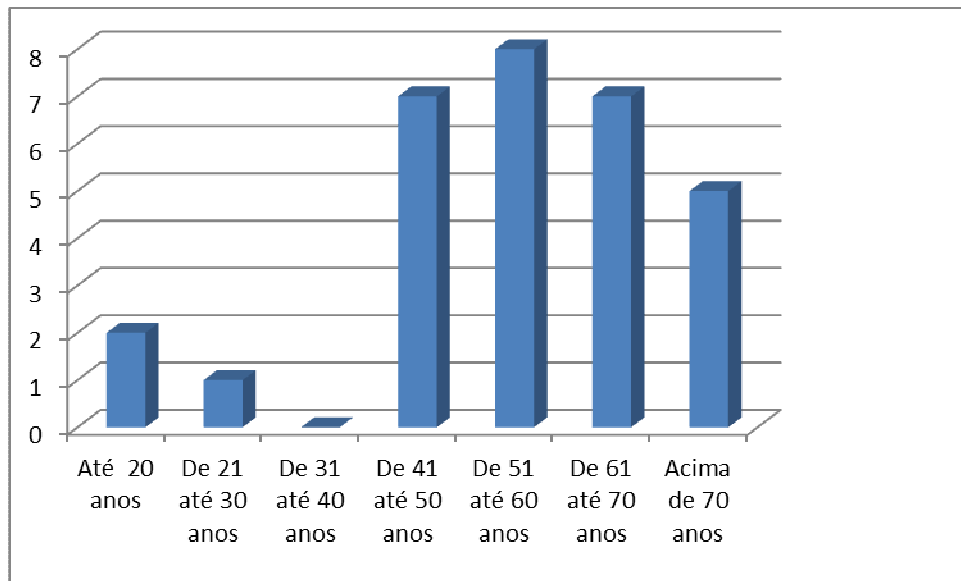
Orais

Entrevistas com professores, ex-professores, alunos, ex-alunos e representantes da comunidade.

APÊNDICE A – Gráficos com dados das entrevistas

Os gráficos foram feitos a partir das entrevistas e visualizam alguns dados dos entrevistados. De uma maneira bem clara eles falam por si mesmos. Alguns comentários são feitos a partir dos gráficos.

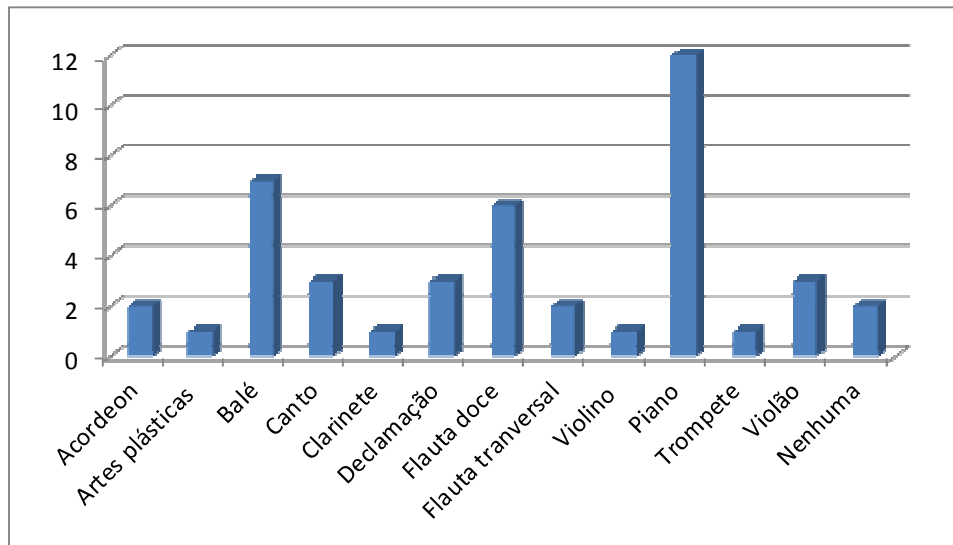
Gráfico 01 – Idade dos entrevistados



Fonte: Produzido pela autora.

Nota-se que a faixa etária de 31 até 40 anos não possui nenhum entrevistado. Isso porque um dos critérios utilizado para as entrevistas foi de conveniência, ou seja, pessoas com relação de amizade com a pesquisadora.

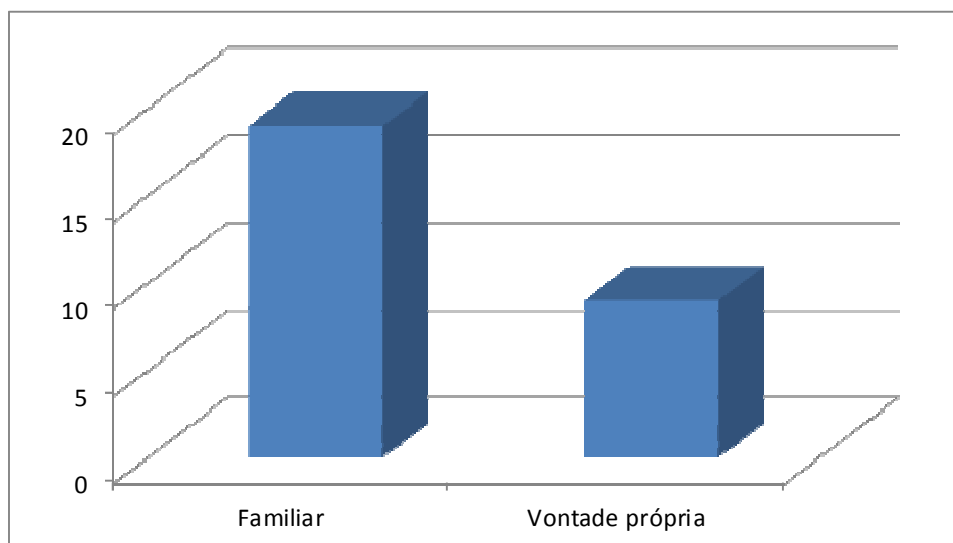
Gráfico 02 – Atividades artísticas



Fonte: Produzido pela autora.

O predomínio do piano e do balé nas atividades desenvolvidas pelos entrevistados é uma realidade entre os alunos matriculados em 2011 também. A representatividade da flauta doce diz respeito ao fato da entrevistadora ter sido aluna e professora desse instrumento no IMBA e manter contato com os egressos do curso.

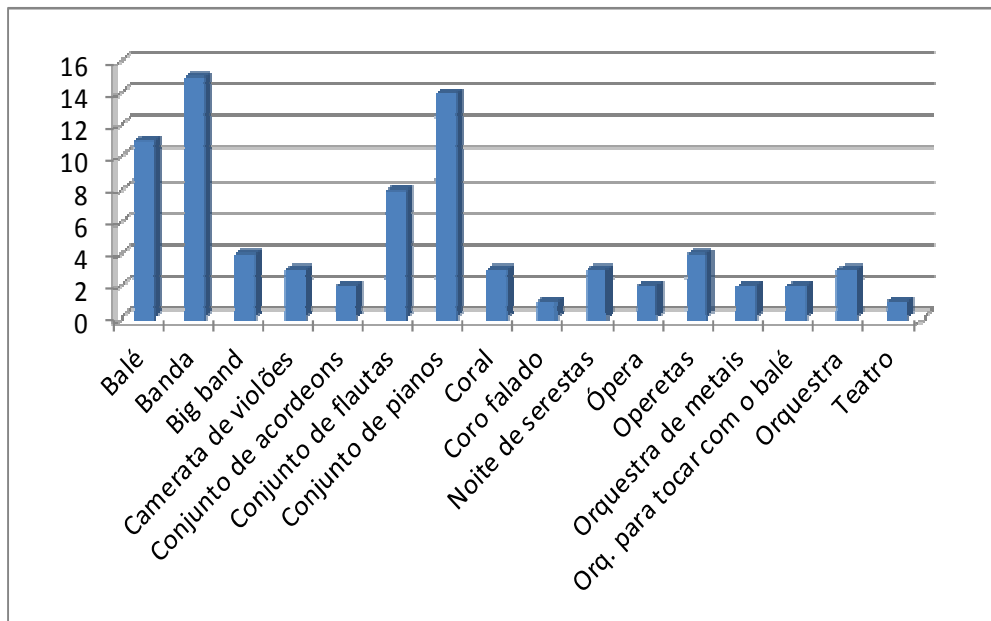
Gráfico 03 – Motivação para estudar no IMBA



Fonte: Produzido pela autora.

Baseado em Bourdieu (2007, p. 73), a influência familiar na aquisição do conhecimento artístico, na cultura dita erudita, está fortemente embasada na vivência familiar das artes.

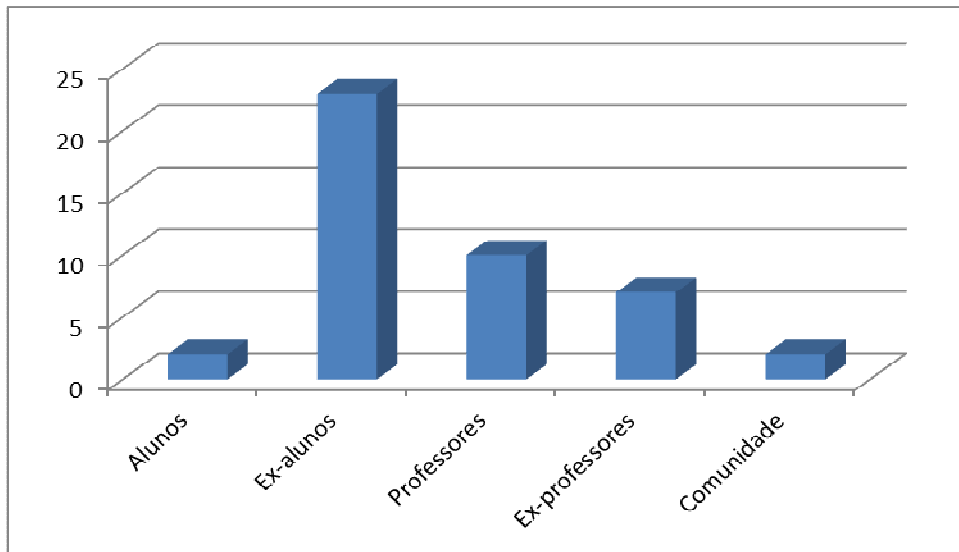
Gráfico 04 – Grupos citados



Fonte: Prodizado pela autora.

Banda, Conjunto de Pianos e Balé foram os grupos mais citados porque envolvem mais pessoas em suas apresentações tanto no palco como no público. As orquestras, se juntas num mesmo item, também teriam uma representatividade maior.

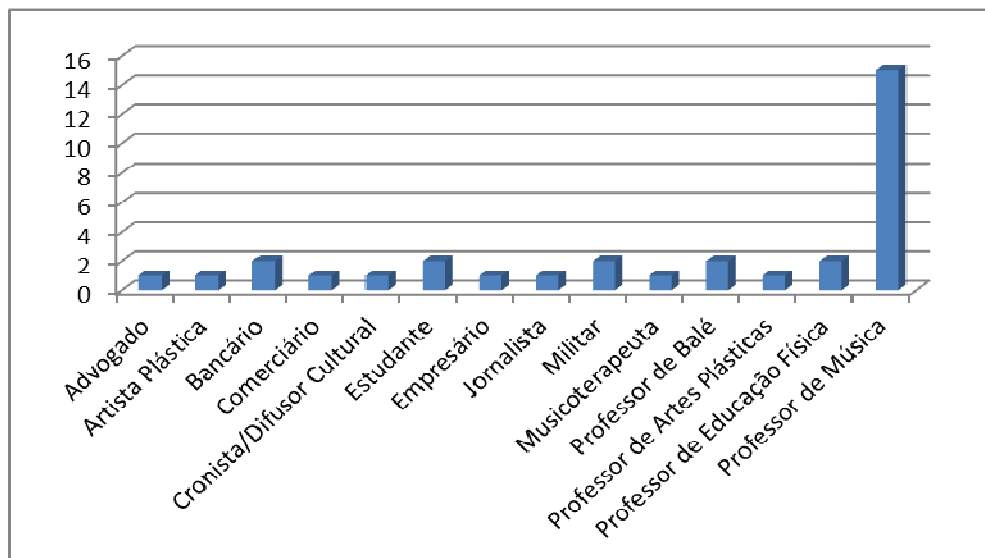
Gráfico 05 – Vínculos com o IMBA



Fonte: Produzido pela autora.

Pelas relações de amizade da pesquisadora, cruzando com a faixa etária, o item ex-alunos foi o maior.

Gráfico 06 – Profissão



Fonte: Produzido pela autora.

As profissões se sobrepõem. Esse é o motivo porque tem tantos professores de música e outras profissões variadas.

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semi-estruturada

1. Por que começaste a aprender música?
2. O que te levou a frequentar o IMBA? Qual a tua relação com ele? Por quanto tempo frequentou o IMBA (como aluno, como professor)?
3. Qual a importância do IMBA para a cidade na tua opinião?
4. Relata a importância do IMBA na tua vida.
5. Relata a importância/momentos que marcaram a trajetória do IMBA como conservatório na cidade de Bagé.
6. Qual a importância atual do IMBA?
7. Conta mais alguma coisa que tu lembres e que não foi falada.

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O presente termo tem por objetivo autorizar a sua participação na pesquisa, **ARTE, TEMPO E MEMÓRIA – Estudo de Memória Social no Instituto Municipal de Belas Artes (IMBA) em Bagé**, que será desenvolvida, entre outros, por meio da aplicação de entrevistas junto aos professores, alunos, ex-professores e ex-alunos. Estas informações estão sendo fornecidas na forma de participação voluntária neste estudo que visa verificar as relações entre Memória Social e Bem Cultural com o IMBA. Esta pesquisa está sobre a responsabilidade da pesquisadora Eliana Vaz Huber, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle de Canoas, sob a orientação da Prof. Dra. Nádia Maria Weber dos Santos e da co-orientadora Prof. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin. As informações concedidas serão utilizadas para a pesquisa em questão, apresentadas em forma de trabalho científico e de livro.

Pelo presente documento, eu....., brasileiro (a), Carteira de Identidade.....CPF.....

Endereço....., através do presente termo, declaro ceder ao Centro Universitário La Salle, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Centro Universitário La Salle. O Centro Universitário La Salle fica conseqüentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo as normas do Centro Universitário La Salle, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____.

Entrevistado

Entrevistador

APÊNDICE D - Projeto Apresentações Artísticas no IMBA – Produto final Mestrado

O projeto descrito no texto abaixo foi apresentado (em forma de projeto) para a diretora do IMBA, Leila Cabeda, e para os professores responsáveis pelos grupos relacionados, obtendo suas aprovações para execução nos próximos meses.

“A música e a dança são fenômenos universais que estão presentes na história de todos os povos e civilizações desde a pré-história”. Faz parte do dia-a-dia das comunidades, se manifestando de diferentes maneiras, em ritos, festas e celebrações das mais diversas, segundo Fischer, (1987, p. 20), “A arte é quase tão antiga quanto o homem”.

As formações de grupos artísticos apresentam-se em diversos contextos e estão relacionadas às manifestações e eventos sociais populares de várias naturezas estando bastantes presentes nas comunidades e influenciando a vida das pessoas. Dentro de um conservatório, um estabelecimento que difunde a arte em Bagé há noventa anos, grupos foram formados ao longo de sua trajetória constituindo um espaço/tempo importante de aprendizado que envolve muitas perspectivas desde o envolvimento social até profissional. O convívio em grupo aumenta o elo entre as pessoas, com local e com os acontecimentos (Pollak, 1992) contribuindo assim para a manutenção da escola e sua memória. Segundo Halbwachs (2006), uma pessoa para lembrar os fatos ocorridos sempre se remete ao grupo; são seus pontos de referência e de pertencimento relacionados ao seu convívio social, seja familiar, profissional, artístico ou religioso. A memória individual sobre suas vivências e experiências vai ser determinada pelo grupo ao qual pertence. Segundo esse autor, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é vai ser lembrado e os lugares onde essa memória será preservada (HALBWACHS, 2006). Ele também refere o componente afetivo que vai ligar o grupo e contribuir para a sua sobrevivência. Enfatiza que “toda memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço” (HALBWACHS, 2006, p. 106). Esse grupo pode ser subdividido e suas memórias farão parte de um todo. O IMBA ao longo de seus noventa anos foi e é local de muitos grupos que exercem uma forte influência na cultura da região de Bagé e dando origem e estímulo a vários eventos culturais na cidade e em seu entorno. Os

diversos grupos artísticos existentes no IMBA se mantendo ativos é uma prova viva de tudo isso.

Assim, esse registro, vai juntar-se as memórias coletadas através de entrevistas, almejando a fixação das mesmas para gerações vindouras bem como as influências/consequências e transformações que o aprendizado e a prática da arte trouxeram para a vida dos indivíduos, visando comprovar a importância fundamental desta instituição.

Os objetivos deste projeto são: apresentar antes de cada concerto uma pequena palestra sobre o que foi resgatado através das entrevistas sobre os grupos que ao longo do tempo existiram e existem no IMBA; fazer seis vídeos para ser colocado posteriormente junto a pesquisa de memória social.

Justifica-se, pois é praticamente impossível encontrar uma pessoa que não goste de ouvir música, cantar e dançar. Desde a mais tenra idade vivenciamos muitas experiências ouvindo e cantando em casa e em tantos outros lugares, com os mais diversos fins. Assim, é patente em todas as esferas de nossa sociedade que a música tem um papel primordial como forma de lazer e na socialização das pessoas, pois ela cria e reforça laços sociais e vínculos afetivos. Além disso, a Música exerce um relevante papel na formação cultural das pessoas, por meio do repasse de ideias, informações e conceitos, servindo para o aprimoramento do aprendizado. Ao longo de minhas entrevistas ficou constatado que as pessoas sabem do seu momento, da sua trajetória, mas poucos sabem dos caminhos percorridos pelo conservatório para que elas usufruam o que lhe é oferecido, ao mesmo tempo, todos referendam sua importância dentro de Bagé.

Então, sabendo que a arte, em suas diferentes formas de expressão, faz parte do cotidiano dos alunos, ex-alunos, professores e ex-professores do IMBA e é vista por eles como uma atividade prazerosa, a realização de vídeos junto com a explanação sobre memória dos grupos será compatível e esclarecedora.

Os parceiros do projeto nas apresentações musicais serão os grupos a serem filmados: Banda Musical do IMBA; Big Band; Conjunto de Flautas Doces; Conjunto de Pianos; Camerata de Violões e Apresentação de Balé.

O desenvolvimento do Projeto consiste em 06 (seis) apresentações distintas e independentes com gravação de DVD e uma explanação introdutória sobre a importância do IMBA na cidade de Bagé desenvolvida a partir das entrevistas com alunos, ex-alunos, professores e ex-professores.

Teremos o seguinte cronograma:

Meses	Atividades
Junho/2013	Big Band
Julho/2013	Conjunto de Pianos
Setembro/2013	Banda Musical
Setembro/2013	Camerata de Flautas
Novembro/2013	Camerata de violões
Dezembro/2013	Apresentação de Balé

Sou profundamente grata a todos os amigos, professores, alunos, ex-professores, ex-alunos e comunidade em geral do IMBA que me apoiaram nesse Mestrado e na realização desse Projeto.

Aproveito esse momento para dedicar esse trabalho a algumas pessoas que muito me inspiraram especialmente as professoras Neiva Petry Martinez, Gelcy Porto Médici e o professor Antônio Correa da Silva.

Breve Memória Iconográfica do IMBA

A Memória Iconográfica do IMBA integra a Dissertação de Mestrado Arte, Tempo e Memória – Noventa Anos do Instituto Municipal de Belas Artes (IMBA) em Bagé e a cultura dos grupos artísticos. O empenho em preservar a memória do IMBA contempla também essa dimensão, a iconográfica, constituindo um acervo ilustrativo de elementos que compõem, representam e estão relacionados com a escola, refazendo visualmente seu passado e fixando o que é hoje. Isso significa utilizar as memórias fotográficas como fixador de identidade. Os documentos não-textuais coexistem desde a pré-história (pinturas rupestres) e são suportes de memória que podem gerar grandes acervos iconográficos. A Memória Iconográfica do IMBA foi registrada em fotografias, partituras, diplomas, relatórios, programas de audições e regulamentos permitindo refazer o percurso da escola.

Segundo Mauad, “a fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de

vida” (1996, p. 78). A fotografia reflete o que foi importante registrar no passado e a escolha do que reproduzir no presente. O material visual encontrado até agora assume um testemunho dos acontecimentos registrados em jornais e programas ao longo dos seus noventa anos.

Desenvolvimento

Hoje, em grande parte ainda, o acesso a elementos que delineiem a imagem do IMBA são só passíveis de serem encontrados na própria instituição ou em mãos de particulares, muitas vezes dispersos e sem o acondicionamento adequado ou, mesmo, sem sequer serem vistos como documentos. A coleta desse material exigiu a articulação com pessoas e instituições, tais como museus, jornais, professores. Usar o recurso do elemento visual, mais precisamente a fotografia, como meio de comunicação e fixação tem caracterizado todo empreendimento cultural, sendo, sobretudo uma marca do nosso tempo. A memória iconográfica sedimenta esse trabalho, cujo objeto tanto é o próprio elemento como a sua reprodução em fotografias.

Utilizar a fotografia como documento é uma prática que se originou desde o início de sua própria existência. Baseado em Le Goff (1985) sobre os dois tipos de materiais aplicados à memória coletiva - os documentos e os monumentos - a fotografia serve para representar ambos. Ela tanto mostra como as pessoas se apresentavam, os modismos, as festas, as audições públicas, a maneira de se posicionarem (documento), como também serve para simbolizar o que a sociedade determinou como importante para ser perpetuado (monumento).

A história de uma escola de artes via imagem, constitui-se em acervo para a ampliação de leituras contribuindo para o aprofundamento dos estudos sobre o IMBA e a própria cidade que o abriga: Bagé.

As fotografias foram agrupadas por temas: alunos do IMBA, Banda, Big Band, Camerata de Flautas Doces, Camerata de Violões, Conjunto de Acordeons, Conjunto de Flautas, Conjunto de Pianos, Coral, Desfiles da Semana da Pátria, Imba Grupos de Dança, Orquestra para o festival de ballet, Orquestras, Outras formações musicais, Outras imagens e documentos.

Esta é a foto mais antiga obtida no museu D. Diogo de Souza.

Figura 02 – Alunos do IMBA



Fonte: Acervo Museu D. Diogo de Souza.

As alunas, a diretora e as professoras estão identificadas. Notadamente uma fotografia onde somente existe o sexo feminino.

Figura 03 – Alunas com Bidu Sayão – década de 1940



Fonte: Acervo Museu D. Diogo de Souza.

Figura 04 – Formatura - década de 1950



Fonte: Fotografias do acervo do IMBA.

Figura 05 – Conjunto de pianos – década de 1960



Fonte: Fotografias do acervo do IMBA.

Figura 06 – Alunas de flauta doce – década de 1970



Fonte: Fotografias do acervo do IMBA.

Figura 07 – Década de 1990 - alunos cacterizados para música renascentista



Fonte: Fotografias do acervo do IMBA.

Figura 08 – Alunas de piano em 2012



Fonte: Fotografias do acervo do IMBA.

Figura 09 – Banda Marcial do IMBA – Jornal o Globo, Rio de Janeiro em 1969



Fonte: Acervo Museu D. Diogo de Souza.

Figura 10 e 11 – Banda musical em desfiles – Bagé, 2012



Fonte: Acervo de Lucas Barre.

Big Band

Figura 12 e 13 – Apresentações de 2011 da Big band



Fonte: Fotografias do acervo do IMBA.

Camerata de flautas doce

Figura 14 – Camerata de flautas doce, 2010



Fonte: Fotografias do acervo do IMBA.

Camerata de violões

Figura 15 -16 – Camerata de violões, 2011



Fonte: Acervo de Ângelo Dutra.

Figura 17 e 18 – Conjunto de acordeons, da década de 1960



Fonte: Acervo de Antônio Correa da Silva.



Figura 19 e 20 – Conjunto de acordeons, da década de 1960



Fonte: Acervo de Antônio Correa da Silva.



Conjunto de flautas doces

Figura 21 e 22 – Conjunto de flautas doces, da década de 1980



Fonte: Acervo de Maria Neiva Vaz Huber.



Figura 23 e 24 – Conjunto de pianos, apresentação 2011



Fonte: Acervo da autora.

Figura 25 – Conjunto de pianos, apresentação 2012



Fonte: Fotografias do acervo do IMBA.

Coral

Figura 26 e 27 – Apresentações do coral nos últimos dez anos em eventos ao ar livre, teatro e no IMBA



Fonte : Fotografia do acervo IMBA.

Desfiles da Semana da Pátria

Figura 28 – Desfile década de 1920



Fonte: Acervo Museu D. Diogo de Souza

Figura 29 – Desfile década de 1970



Fonte: Acervo de Zaida Valentim

Figura 30 – Desfile década de 1980



Fonte: Acervo da autora.

Grupos de Dança

Figura 31 e 32 – Apresentação do grupo de dança, da década de 1960



Fonte: Fotografias do acervo IMBA.



Figura 33 e 34 – Apresentação do grupo de dança, da década de 1970



Fonte: Fotografias do acervo IMBA.

Figura 35 e 36 – Apresentação do grupo de dança, da década de 1980



Fonte: Fotografias do acervo IMBA.

Figura 37 – Apresentação do grupo de dança, da década de 1990



Fonte: Fotografia do acervo IMBA.

Orquestras

Figura 38 – Orquestra para acompanhar o balé – década de 1980



Fonte: Fotografia do acervo IMBA.

Figura 39 – Orquestra infanto-juvenil – década de 1970



Fonte: Fotografia do acervo IMBA.

Figura 40 e 41 – Orquestra anos 2000



Fonte: Fotografias do acervo IMBA.

Figura 42 – Orquestra e coral 2012



Fonte: Fotografia do acervo IMBA.

Outras formações musicais

Figura 43 – Formação musical



Fonte: Acervo Antônio Correa da Silva.

Figura 44 – Conjunto melódico mirim, 1962



Fonte: Acervo de Lúcia Antônia Bezerra de Mello.

Figura 45 – Conjunto com violinos e piano - década de 1980



Fonte: Acervo de Maria Neiva Vaz Huber.

Figura 46 – Música de câmara com violinos e órgão – década de 1980



Fonte: Acervo de Maria Neiva Vaz Huber.

Outras imagens documentadas

Figura 47 – Certificados de Vanda Urdaniz Deiro



Fonte: Acervo de Vanda Deiro.

Figura 48 – Diploma em teoria e solfejo



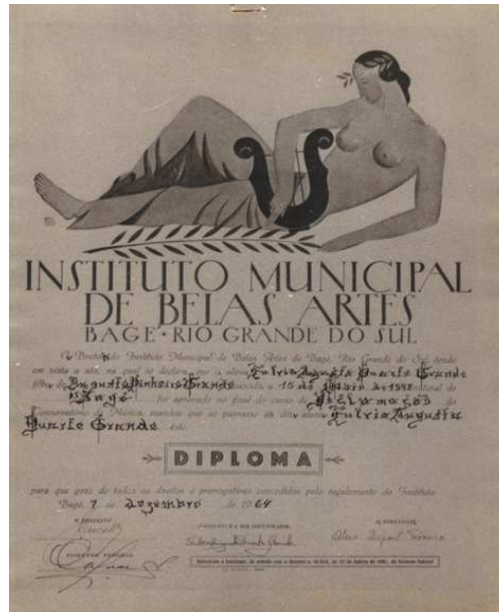
Fonte: Acervo IMBA.

Figura 49 - Concurso trouxe concorrentes de fora da cidade



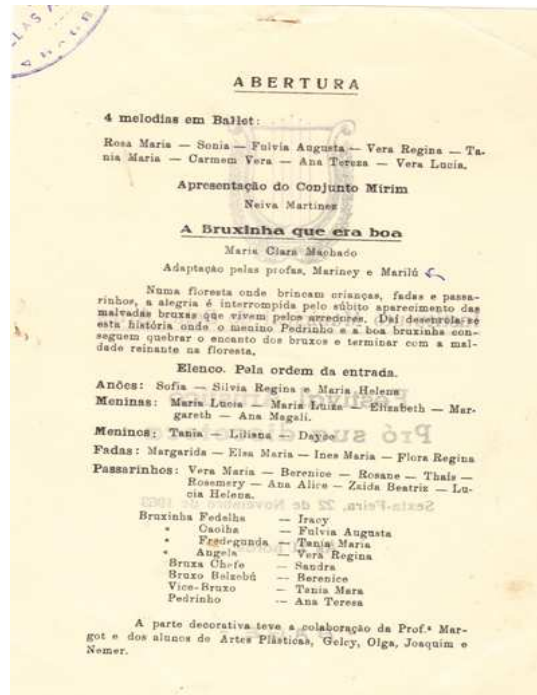
Fonte: Acervo IMBA.

Figura 50 – Diploma de declamação



Fonte: Acervo IMBA.

Figura 51 – Programa de audição com balé e teatro (com alunos do curso de declamação)



Fonte: Acervo IMBA.

As aulas de artes plásticas começaram no IMBA, depois foram transferidas para a Universidade.

Figura 52 – Aula de artes plásticas



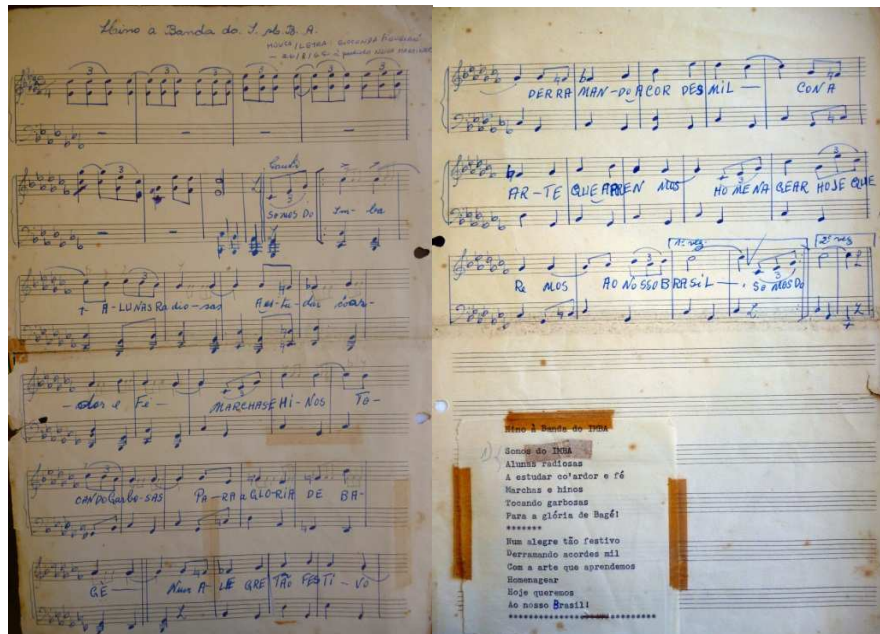
Fonte: Acervo IMBA.

Figura 53 – Produção artes plásticas



Fonte: Acervo IMBA.

Figura 54 – Hino à Banda do IMBA



Fonte: Acervo IMBA.

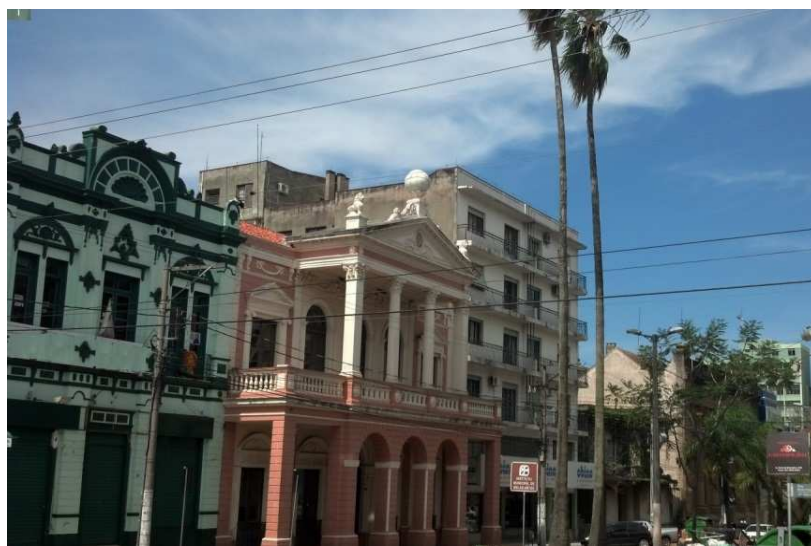
O hino à banda era cantado e durante os desfiles (semana da Pátria) era executado com um passo especial.

Figura 55 – Flâmula da banda



Fonte: Acervo da autora.

Figura 56 – IMBA 2012



Fonte: Imagem produzida pela autora.

Considerações finais

O levantamento refez o percurso do IMBA, desde os primeiros anos até os nossos dias (noventa anos), de uma maneira sintética por meio da apresentação de elementos que o representam ou que com ele lhes estejam relacionados. As fotografias mais antigas mostram um conservatório grandioso, organizado e com pessoas vestidas com mais formalidade e uniformes de gala. Isso ressalta o desejo de representar o universo artístico de uma maneira erudita e elitizada. Em fotos mais recentes, as apresentações são mais descontraídas e somente a banda utiliza uniforme. A maneira de se posicionar em fotografia também demonstra a mudança de atitudes em relação ao público e professores. O professor era centralizado tanto na fotografia como na sala de aula. Em fotos mais recentes isso não acontece. Como o uniforme, com exceção da Banda, já não é utilizado, os alunos e professores se confundem muitas vezes na visão do público e nas imagens.

Todas as fotos foram cedidas e pertencem aos acervos de: Instituto Municipal de Belas Artes, Museu D. Diogo de Souza, Ângelo Dutra, Antônio Corrêa da Silva, Lucas Barres, Lúcia Antônia Bezerra de Mello, Maria Neiva Vaz Huber, Zaida Valentim e da autora.

Referências

LE GOFF, Jacques. "Documento /monumento", In: Memória-História, Enciclopédia Einaudi, vol. I. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73- 98.

ANEXO A – Documentos Oficiais



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ

ACTO Nº 336

Municipaliza a Escola de Música.

O Intendente Municipal de Bagé, no uso de atribuições legais,
e,

CONSIDERANDO que a Intendencia já adquiriu, por compra todos os móveis e utensílios da Escola de Música, fundada pelos professores / Fontainha e José Corsi, e para a qual os cofres do município concorriam com grande parte das despesas de seu custeio;

CONSIDERANDO que é indispensável dar maior desenvolvimento ao ensino dos diversos cursos ministrados na referida Escola que, não obstante sua deficiência, tem concorrido para o aproveitamento artístico de nossos conterrâneos;

CONSIDERANDO, finalmente, que já tendo esta administração municipal providenciado sobre o ensino primário e secundário, deve, também, cogitar da educação artística de seus municípios

D E C R E T A :

Artº. 1º - Fica nesta data municipalizada a Escola de Música, que passará a denominar-se "Conservatório Municipal de Musica".

Artº. 2º - O Conservatório observará, até ulterior deliberação, o regulamento da Escola de Musica.

Artº. 3º - Serão criados novos cursos e aulas à proporção que forem julgadas necessárias.

Artº. 4º - São mantidas em seus cargos, enquanto convier ao município, a directora e professoras da Escola, as quaes continuarão a receber os mesmos vencimentos.

Artº. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.
Intendencia Municipal de Bagé, 5 de abril de 1927.

(ass.) Carlos Cavalcante Mangabeira
Intendente Municipal

Regº. Livro 3 - fls. 133 e 133v.





Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ

ACTO N.º 27

Substitue a denominação de "Conservatório Municipal de Musica" para Instituto Municipal de Bellas Artes".

O DR. LUIZ MERCIO TEIXEIRA, Prefeito Municipal de Bagé, no uso de suas atribuições legais, e,

CONSIDERANDO que atualmente existe no "Conservatório Municipal de Musica", uma Escola de Educação Physica" funcionando normalmente;

CONSIDERANDO que, anexo ao mesmo estabelecimento é mantido um "Curso Gymnasial" e uma "Aula de Desenho e Pintura", para o desenvolvimento intellectual e artistico de nossos patricios;

CONSIDERANDO, finalmente, que é indispensavel dar maior desenvolvimento ao ensino dos diversos cursos ministrados no "Conservatório Municipal de Musica",

R E S O L V E:

ART.º 1.º - Fica denominado, desta data em diante, "INSTITUTO MUNICIPAL DE BELLAS ARTES", o actual Conservatorio de Musica".

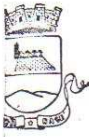
ART.º 2.º - Revogam-se as disposições em contrario.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ, 30 de Setembro de 1937.

(ass.) Dr. LUIZ MERCIO TEIXEIRA

Prefeito Municipal





Prefeitura Municipal de Bagé
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

DECRETO Nº 40

- Aprova o REGIMENTO INTERNO DO INSTITUTO MUNICIPAL DE BELAS ARTES-

JOSÉ WILSON BARCELLOS, Prefeito Municipal de Bagé, no uso de suas atribuições legais, e

CONSIDERANDO o alto índice de desenvolvimento técnico e cultural atingido pelo INSTITUTO MUNICIPAL DE BELAS ARTES;

CONSIDERANDO que, face ao Decreto nº 53.993, de 2 de julho de 1964, do exmº Sr. Presidente da República, que reconheceu os cursos de instrumento e de canto, desse Instituto, passou êle à categoria de Curso Superior;

CONSIDERANDO a necessidade de adatar as normas que o regem às suas novas condições,

DECRETA :-

ARTIGO 1º:- Fica aprovado o REGIMENTO INTERNO DO INSTITUTO MUNICIPAL DE BELAS ARTES.-

ARTIGO 2º:- Revogam-se as disposições em contrário.-

Gabinete do Prefeito Municipal de Bagé, 6 de outubro de 1964

JOSÉ WILSON BARCELLOS
* PREFEITO *



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

915

Em, 25 de novembro de 1964

Do Presidente do Conselho Federal de Educação

Ao Senhora Diretora do Instituto Municipal de Belas Artes.-

Assunto: Regimento.-

Senhora Diretora:

Comunico a Vossa Senhoria que o Conselho Federal de Educação, em sessão de 13 do corrente, aprovou o incluso parecer, nº 345/64, da Câmara de Ensino Superior, sobre o Regimento desse Instituto.

Atenciosas saudações

Deolindo Couto
Presidente

CAT. snm/.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E CULTURA

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

AUTENTICO

INFORMAÇÃO Nº 395/66

Processo nº SEC 25.274/64 e 37.938/65
56/64 e 169/65

Diretor de Expediente

Autorização para funcionamento
de curso técnico de música, no
Instituto Municipal de Belas /
Artes, de Bagé.

CONSELHEIRO PRESIDENTE

O expediente em pauta é constituído de dois processos, ambos visando à autorização para funcionamento de novos cursos no Instituto Municipal de Belas Artes (I.M.B.A.), de Bagé. Em abril de 1964 (fls. 2 do Processo nº CEE 56/64), a então Diretora do I.M.B.A. requer a autorização para funcionamento de Curso Técnico de Música; já em maio de 1965 (fls. 4 do Processo nº CEE 169/65), a nova Diretora do Instituto deseja instalar o Curso Técnico de Música e o Curso de Professor de Desenho (sic). Nenhum dos dois projetos de regimentos apresentados é de molde a esclarecer perfeitamente as pretensões do requerente.

Ainda no que diz respeito à origem dos próprios regimentos, convém notar que, sendo a Prefeitura de Bagé a entidade mantenedora do I.M.B.A., deveria ter constado, nos processos, uma manifestação oficial de que a Diretora tem a necessária autorização para promover o alargamento das atividades do Instituto e que a Prefeitura arcará com as responsabilidades, sobretudo financeiras, deste alargamento.

O expediente já foi motivo de estudo neste Conselho. A Informação de fls. 115-116 (Processo nº CEE 56/64) apresenta, além de outras, três considerações para servirem de guia aos requerentes:

1. Mencionando o art. 85 da Lei Federal nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, diz que "os estabelecimentos isolados oficiais, de ensino superior, devem estar constituídos sob a forma de autarquia ou / fundação".



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Informação nº 395/66 - fls. 2

AUTÊNTICO

2. Esclarece que o Regimento a ser examinado pelo Conselho deve ser o do IPM, ^{com as} ~~com~~ as modificações necessárias à nova situação decorrente da instalação dos novos cursos.
3. Lembra que existe um documento para guiar as entidades mantenedoras a instruírem os processos relativos a pedidos de autorização para funcionamento: a indicação do "Roteiro" anexo ao Parecer nº 2/63 deve ser agora substituída pela do Roteiro I, anexo ao Parecer nº 54/65, deste Conselho.

Estas indicações, que foram encaminhadas por Vossa Excelência à requerente, conforme consta a fls. 117 do Processo CEE 56/64, não foram observadas a contento. Mesmo no que diz respeito à instrução do processo, da maneira indicada acima, no item 3, é preciso dizer que, embora a documentação referente ao corpo docente indica do esteja em muito boas condições, nenhum "Roteiro" foi realmente seguido, o que motiva uma instrução imperfeita do processo. Muito lucraria o expediente, se os responsáveis por sua instrução seguissem à risca o que estabelece o Roteiro I, anexo ao Parecer nº 54/65, deste Conselho, evitando, por outro lado, incluir peças que, não sendo necessárias, concorram para avolumar demasiadamente o processo.

Não caberia por enquanto, a análise mais detalhada / do expediente, porque além das falhas já apontadas, o mesmo apresenta pouca clareza com respeito às pretensões do requerente. O texto de regimento proposto a fls. 6-30 do Processo nº CEE 169/65, diz no seu / art. 1º, que os cursos a serem instalados são o Curso Técnico de Música "de acôrdo com o artigo 47 - parágrafo único da Lei nº 4.024 que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional" e o Curso de Professor de Desenho" de acôrdo com o artigo 59 da citada lei nº 4.024".

Entretanto, os cursos de música apresentados - a confusão é feita no art. 2º que indica outros cursos - todos se classificariam como cursos livres, porque nenhum deles, dentro da organização que lhes foi dada pelo regimento, apresenta as características exigidas pela Lei Federal 4.024, de 20 de dezembro de 1961, para um curso técnico de música sobretudo por carecerem de inclusão, em seus currículos, das disciplinas de cultura geral. Segundo o parágrafo único do



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Informação nº 395/66 - fls. 3

AUTENTICO

do art. 47, combinado com a letra a do art. 40 da Lei Federal nº 4024, de 20 de dezembro de 1961, compete a este Conselho a regulamentação do curso. Entretanto não se procedeu ainda a uma regulamentação, sobretudo em vista da grande variedade que os cursos de tal modalidade podem apresentar. A aprovação para cada caso determinado tem a vantagem de permitir um acúmulo de experiência para este Conselho, ao mesmo tempo que daria oportunidade ao estabelecimento para que orientasse o curso dentro das realidades que o circundasse. Foi este o procedimento deste Conselho ao tratar de casos de autorização para funcionamento de outros cursos similares.

Entretanto, é necessário, antes de qualquer julgamento, a apresentação de base curricular, onde se cumpram, analogicamente, as normas referentes ao ensino técnico comercial, agrícola e industrial, consignadas no capítulo referente ao assunto, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. E, por outro lado, uma justificativa a respeito da inclusão no plano curricular de cada disciplina de cultura técnica.

quanto ao curso para formação de professor de desenho, convém lembrar que se trata de curso superior, cujo currículo mínimo / foi fixado através da Portaria Ministerial de 4 de dezembro de 1962, / homologando o Parecer nº 338/62 do Conselho Federal de Educação. Não se pode, a respeito do assunto, invocar o art. 59 da Lei Federal nº / 4.024, de 20 de dezembro de 1961: trata-se, no caso, de curso superior comum para a formação de professor para o ensino médio. Por isso, deve ser regulamentado em conformidade com a sua condição de curso superior - exigência de conclusão de 2º ciclo do ensino médio para ingresso, por exemplo - e observará o currículo mínimo já indicado.

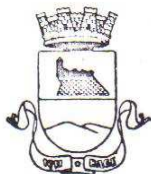
Diante dessas considerações, parece o caso de reencaminhar o expediente ao Excelentíssimo Senhor Secretário de Educação e Cultura a fim de que a entidade mantenedora seja posta a par de algumas sugestões, para o aperfeiçoamento do processo.

À consideração, entretanto, de Vossa Excelência.

Em 17 de agosto de 1966

Danilo Gandin

I/M.



LEI MUNICIPAL Nº 1.595

CÓPIA

Transferir para FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BAGÉ, os Cursos Superior de Instrumento e Canto e de Artes Plásticas, do Instituto Municipal de Belas Artes "Prof. RITA JOBIM DE VASCONCELOS".

CEL. WASHINGTON BANDEIRA, Prefeito Municipal de Bagé, Estado do Rio Grande do Sul.

FAZ SABER que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte

L E I:

Art. 1º - São transferidas para FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BAGÉ, para que integrem a UNIVERSIDADE DE BAGÉ, os Cursos Superior de Instrumento e Canto, reconhecido pelo Decreto número 53.993, de 2 de julho de 1964, e de Artes Plásticas, autorizado pelo Decreto nº 48.905, de 27 de agosto de 1969, do Instituto Municipal de Belas Artes "Prof. Rita Jobim de Vasconcelos".

Art. 2º - O atual corpo docente dos cursos ora transferidos para a Fundação Universidade de Bagé, continuarão sob o regime do Estatuto dos Funcionários Públicos do Município de Bagé, e pagos pelas cofres municipais.

Art. 3º - A Fundação Universidade de Bagé, incumbir-se-á da admissão de novos professores para os referidos cursos, a medida que seus titulares, aprovados pelo Egrégio Conselho Federal de Educação, deixarem o exercício da cátedra.

§ Único - Os professores que vierem a ser admitidos pela Fundação Universidade de Bagé, serão por ela remunerados e reger-se-ão por seu Estatuto.

Art. 4º - A manutenção dos cursos de que trata esta Lei, ressalvado o disposto no art. 3º, caberá a Fundação Universidade de Bagé, que fixará e receberá as anuidades dos alunos neles matriculados.

Art. 5º - Até que sejam destinados pela Fundação Universidade de Bagé, novas instalações e equipamentos para os cursos ora transferidos a sua responsabilidade, o Município de Bagé, cederá os atualmente utilizados.

§ Único - Para o funcionamento de cursos integrados de piano e artes plásticas, os demais cursos do IMBA poderão vir a ser transferidos para FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BAGÉ, quando serão também transferidos os equipamentos de seu uso.

Art. 6º - Lei especial poderá destinar recursos para que o Município de Bagé conceda auxílio financeiro para a FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BAGÉ, construir em imóvel de sua propriedade, instalações adequadas para o funcionamento dos cursos ora transferidos.

Art. 7º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua promulgação revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE BAGÉ, 3 de outubro de 1969

ANEXO B – Texto de Mário Lopes feito a meu pedido

IMBA: nove décadas difundido a música

Criado em 1921, pelos professores Guilherme Fontainha e José Corsi como Escola de Música de Bagé, o Instituto Municipal de Belas Artes Rita Jobim Vasconcellos, vem ao logo de suas nove décadas cumprindo seus objetivos de proporcionar e difundir o ensino musical.

Uma das mais antigas e conceituadas escolas musicais do Estado, teve como primeira diretora a professora Vicentina Felizarda Ferreira, que veio de Porto Alegre, com suas filhas também professoras, Célia, de piano, que logo depois assumiu a direção, e Glades, de bandolim.

Faziam parte ainda do corpo docente o maestro Rodolfo Moriconi, formado em piano pela Academia Santa Cecília de Roma, e Alice Mena Barreto, de canto, formada pelo Conservatório de Música de Porto Alegre.

Municipalizado em 1927, pelo intendente Carlos Mangabeira, passou a denominar Conservatório de Música, assumindo sua direção a professora Rita Jobim Vasconcellos, que foi uma de suas primeiras alunas

A primeira sede da escola foi no Clube Caixeiral, transferindo-se depois para o sobrado da Avenida Sete de Setembro, onde hoje é a Rádio Cultura e a seguir para Avenida Sete, esquina Felix da Cunha, atual prédio do Supermercado Nacional, de onde foi para o solar da Sociedade Espanhola, onde se encontra.

Em 1938, na administração do prefeito Luiz Mércio Teixeira, a antiga escola passou a Instituto Municipal de Belas Artes, sendo reconhecido pelo governo federal em 1964, recebendo a denominação de “Professora Rita Jobim Vasconcellos”, justa homenagem a quem, com inextinguível dedicação, dirigiu a instituição até sua morte, proporcionando, ao longo de sua administração a Bagé e região inesquecíveis audições e memoráveis festivais de balet, além de revelar inúmeros talentos artísticos, alguns alcançando renome nacional.

Por tudo que tem realizado, pelo muito que tem contribuído para o desenvolvimento e difusão das artes, o IMBA é um orgulho para Bagé.

MNL

APÊNICE E – DVD

O DVD traz gravações de três grupos que farão parte do Produto Final. Trata-se da Banda Musical do IMBA em apresentações no Festival Estadual de Bandas (FEBARGS), em Rio Grande, do Conjunto de Pianos em apresentação no Salão Nobre do IMBA e de uma coreografia do Festival de Balé apresentada no Ginásio Presidente Médici. Todas as gravações fazem parte do acervo do IMBA e foram cedidas para esse trabalho. São gravações caseiras e sem edição.